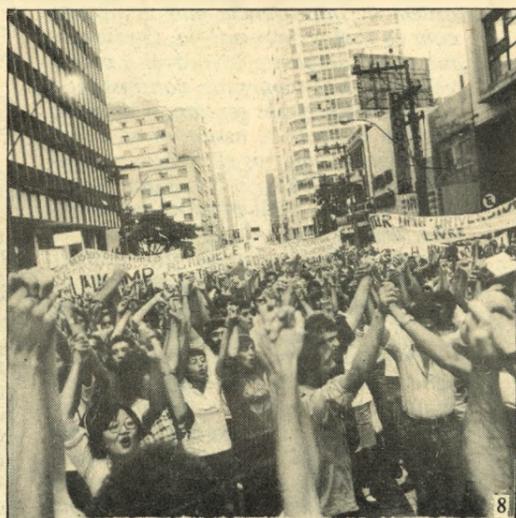
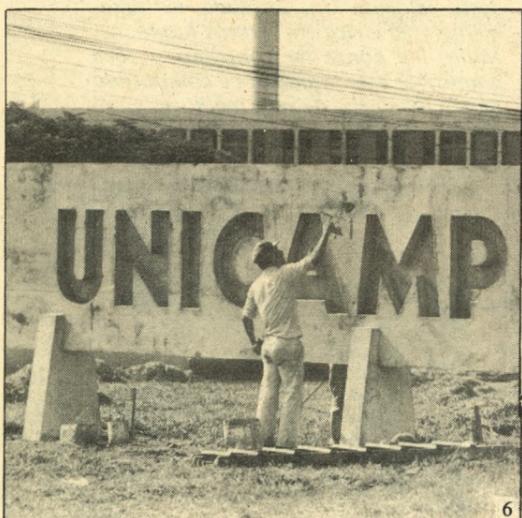
jornal da UNICAMP

Campinas, dezembro de 1987

Ano II — nº 15

O balanço da jovem universidade

Quando a Unicamp nasceu, era o tempo da Jovem Guarda, dos Beatles e do fechamento político. Ao começar a amadurecer, viu as barricadas de maio de 68, a conquista da Copa do México, os porões do DOI-CODI e a grande crise do petróleo. Viu também a distenção, a Nova República, e chegou a participar de um plano chamado Cruzado. Hoje vê a 'glasnost' e a Constituinte. Desde aquela época, ela cresceu, criou fama, internacionalizou-se. E nunca perdeu a mania de ver tudo com os olhos críticos e criativos. Nesta edição, um balanço de seus primeiros 21 anos.

1 - Lattes num de seus dias de irreverência.
2 - Cena da crise institucional de 1981.
3 - Universidade aberta: o povo no campus.
4 - O campus, consolidado mas ainda em expansão.
5 - 1986, instalação do Conselho Universitário.
6 - Entrada do campus: o operário lustra o nome.
7 - A imensa esfera rola pelo campus: "happening".
8 - 1981: a comunidade universitária vai às ruas.

Opinião

Quando a maturidade chega

Paulo Renato Souza

Há pouco mais de ano a Unicamp atingia sua maioridade política depois de um lento e trabalhado processo de institucionalização que culminaria, numa tarde memorável, com a instalação de seu Conselho Universitário.

Quando assumi o comando da Universidade, há 20 meses, tinha plena consciência da responsabilidade que representava sentar-me à mesa que fora de Zeferino Vaz, depois de Plínio Alves, depois de Aristodemo Pinotti. Cada um deixara seu estilo, sua marca, seu projeto. Quanto a mim, além da vontade de acertar, tinha a sorte de contar com uma equipe coesa e disposta a levar às últimas conseqüências o projeto de descentralização administrativa e de restauração da capacidade acadêmica e produtiva da Universidade. É possível que a receita tenha dado certo: quem se der ao trabalho de conferir verá que o programa que nos impusemos já foi cumprido em sua maior parte e, alguns aspectos, até mesmo suplantado.

Com efeito, referdo programa incluía algumas prioridades que a instituição vinha enfaticamente reclamando. havia dez ou doze anos que não se renovavam os equipamentos de pesquisa; o processo de institucionalização precisava chegar serenamente a seu termo; novas linhas de pesquisa necessitavam ser introduzidas de acordo com os interesses nacionais e com as recentes tendências da ciência internacional; e o ensino pedia não apenas uma reformulação estrutural mas também uma alteração das regras de seleção dos novos alunos, para que, inclusive, se libertasse o ensino médio da camisa-de-força imposta pelas perspectivas do vestibular unificado.

Neste curto espaço de tempo, o que não faltou foi união e espírito de luta. Isto deu velocidade à administração e trouxe consigo a necessidade de reagir com rapidez aos novos desafios e às oportunidades que se apresentavam. Assim, graças ao esforço gigantesco de um punhado de professores, aos quais depois se junaram outros, ousamos assumir os riscos de realizar um vestibular próprio e com isso estamos na iminência de deflagrar uma verdadeira revolução no sistema de avaliação e ingresso de novos alunos nas universidades brasileiras. Paralelamente, a Unicamp trata de reformular seus próprios cursos de graduação e de repensar os rumos de seus programas de pós-graduação; cinco grandes programas integrados de pesquisa foram elaborados — numa reedição dos grandes projetões dos anos 60 e 70 — dos quais um ao menos, o de Biotecnologia, já está consolidado; iniciou-se um processo de reequipamento — para o que foram e serão conseguidos aportes significativos — destinado a renovar a capacidade dos laboratórios e a potencializar o trabalho de nossos pesquisadores; adquiriu-se e incorporou-se ao patrimônio da Universidade um grande centro de pesquisas voltao para as áreas biológica, química e agrícola, e instalou-se o embrião de dois outros importantes centros: o de biologia molecular e o de engenharia do petróleo; reestruturou-se a carreira docente e estabeleceu-se uma carreira adequada para os funcionários; e, finalmente, conferiu-se maior autonomia e estabilidade à instituição com a conversão de seu antigo Conselho Diretor em Conselho Universitário, cristalizando-se, dessa maneira, o processo de institucionalização interna.

Paulo Renato Souza, economista, é reitor da Unicamp desde abril de 1986.

Está pronta a Unicamp, portanto, para viver o seu período de maturidade. Da boa experiência acumulada ela há de tirar bons frutos. Hora oportuna para um balanço, sem dúvida. É o que procura fazer o "Jornal da Unicamp — também ele nascido do esforço de uma melhor comunicação com a comunidade interna e externa — nesta sua 15.ª edição. Através de suas páginas talvez se possa saber por que, em meio ao que se convencionou chamar de "a crise do sistema universitário brasileiro" — crise que nos parece mais longa do que devia — a Unicamp segue abrindo caminho e propondo, a cada passo, novas alternativas para o desenvolvimento brasileiro.

Memórias de um tempo recente

José Aristodemo Pinotti

O ditado popular "nada mais distante que o passado recente" é sábio e tem sua razão de ser. Por isso, deveria me calar. Mas a insistência do editor, o acelerado processo histórico que vivemos e um inabalável defeito da minha personalidade — a dificuldade de ficar calado — me levam a endereçar à família unicampista algumas reflexões sobre o período em que fui reitor desta Universidade, entre 1982 e 1986.

Não pretendo empregar esta oportunidade para simplesmente enumerar as realizações daquele período, pois todos sabem muito bem que representou o renascimento da Unicamp: a Universidade foi institucionalizada; a criatividade andou à solta; foram criados os Núcleos; pesquisadores importantes retornaram ao antigo abrigo; estabeleceu-se um equilíbrio entre arte, ciência e humanidades; o passado foi reforçado com a organização do Centro da Memória e da Biblioteca; a área médica foi ampliada com o término do Hospital das Clínicas e com a construção do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher; e muitas outras coisas mais. É útil saber como tudo isso foi possível e que pocesso possibilitou, em apenas quatro anos e no bojo da maior crise da história da instituição, dar este tremendo salto para o futuro.

Alguns pontos merecem pleno destaque, embora não colocados aqui em ordem de importância mas de acordo com os fluxos da memória. O pluralismo e um ambiente favorável à convivência entre elementos contrastantes foi essencial. Nesse sentido, a primeira decisão tomada ao assumirmos a Reitoria foi convidar os elementos competentes da oposição a colaborar com a nossa gestão. Uma preciosa colaboração, diga-se. Em momento algum procuramos saber a que partido político este ou aquele professor pertencia, ou mesmo sua ideologia, religião ou nacionalidade. Muitas vezes, inquirido sobre meu próprio partido enquanto reitor, não vacilei em responder que militava na Unicamp. E o mais importante, parece-me, sempre procuramos impedir que as divergências político-ideológicas da sociedade penetrassem na Universidade. Embora o campus universitário seja, prioritariamente, um campo de liberdade onde todos os assuntos e temas possam ser discutidos, as decisões sobre o poder da instituição são de exclusiva competência interna.

Outro ponto importante foi o valor que conferimos à interdisciplinaridade, não somente no que se refere à criação dos Núcleos como também na promoção dos fóruns e reuniões, quando procurávamos obsessivamente favorecer o choque entre diferentes áreas de conhecimento em nome de uma solução mais adequada e pluralista dos problemas, fossem eles referentes à cultura, à pesquisa ou aos caminhos do desenvolvimento. A criatividade, alimento essencial da atividade acadêmica, é dinamizada pela interdisciplinaridade. E não temos nenhum receio em afirmar que a criatividade explodiu durante a nossa gestão.

Para que tudo isso fosse possível, a forma de administração que implantamos na Unicamp nesse período foi fundamental. Era necessário um rigoroso saneamento administrativo, e não vacilamos em fazê-lo. Erros e distorções foram enfrentados. Aquisição de equipamentos, serviços de ônibus, alimentação, tudo isso foi revisto e melhorado com base em atitudes claras, transparentes e justas. Mas o mais importante, no que tange à administração, foi tê-la aberto a um indubitável espírito de investigação. A administração de uma universidade, por suas próprias características, deve fluir dinamicamente mediante um intenso processo de pesquisa operacional. Só assim é possível mantê-la sempre atualizada. Compatibilizar a estrutura existente com a mudança é apostar na contínua modernização institucional.

O processo de construção da Unicamp, especialmente planejado pela Faculdade de Engenharia de Limeira, e a opção racional pela administração interna das construções realizadas pelo escritório de obras, exemplifica essa agilidade.

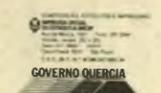
José Aristodemo Pinotti, atual secretário da Saúde do Estado, foi reitor da Unicamp de 1982 a 1986.

Gostaria finalmente de lembrar a questão da autoridade e da democracia. Sempre entendi, durante minha gestão, apesar das críticas recebidas, que seria fundamental exercer uma autoridade não autoritária. Neste aspecto, especificamente, caberia ao Conselho, que de tudo deveria ser informado, o papel deliberativo e não executivo, ou seja, prestar contas é um dever sagrado de todo administrador, mas decidir, agir, resolver, mesmo sob críticas, é o seu dever maior num processo que se quer transparente, honesto e totalmente identificado com os objetivos e a finalidade da instituição.

Tudo isso marcou minha inolvidável (para mim) experiência como reitor desta valorosa Universidade, extremamente viva e rica em termos humanos. Muito me honra ter contribuído para amplificar essa vitalidade e colaborado para a expansão de seus melhores valores.

jornal da UNICAMP
Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas
Reitor — Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação — Antônio Mario Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa — Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019)1150.
Editor: Eustáquio Teixeira Gomes — (MTb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (MTb 15.519), Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Graça Caldas (MTb 12.918), Roberto Costa (MTb 13.751).
Fotografia: Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração: André Iani
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste Up e Arte Final: André Iani e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais e Clara Eli Salinas
GOVERNO QUÉRCIA

Praça da Paz: ponto de encontro no coração do campus.

Uma cidade chamada Unicamp

Em dias normais, a cada quatro minutos, um ônibus vermelho da Companhia de Transportes Municipais de Campinas entra no espaço urbano da Cidade Universitária. No horário de pico, principalmente das 8 às 8h30 da manhã, quando praticamente todos os setores da instituição iniciam suas atividades, o fluxo de veículos que desejam "bom dia" aos vigilantes que trabalham na guarita de acesso ao campus, pode ser comparado ao trânsito de qualquer grande avenida da cidade. É assim que se inicia a rotina diária da Unicamp, uma universidade hoje com uma população flutuante em torno de 25 mil pessoas e um orçamento anual de quase Cz$ 10 bilhões — maior, por exemplo, que o de uma cidade como Campinas, terceira praça bancária do país, com mais de 1 milhão de habitantes. A receita prevista para a Unicamp está também acima de boa parte das capitais brasileiras.

Se o fundador da Universidade, Zeferino Vaz, falecido em 1981, desse hoje uma volta pelo campus, certamente ficaria surpreso. Primeiro pelo desenvolvimento do campus hoje, com mais de 300 prédios construídos, área verde abundante, estacionamentos lotados e gente, muita gente circulando pelos 2.459.070 metros quadrados. E segundo pelo fato de que, com apenas 21 anos de existência, a Universidade solidificou sua posição entre os maiores centros de excelência de ensino e pesquisa no Brasil. A Unicamp é hoje um celeiro de pesquisas que a tornou reconhecida internacionalmente, sem sombra de dúvida, a instituição de ensino superior mais dinâmica e versátil do Brasil. Zeferino veria que, apesar de todas as dificuldades, seu sonho tornou-se realidade.

Entre amigos

É no horário de almoço que a maior parte da comunidade da Unicamp procura esquecer os problemas acadêmicos e administrativos, buscando seus momentos de descontração. A piscina do Centro Esportivo, no verão, fica lotada. E lá que, principalmente os alunos, tiram o "jeans" e as preocupações do dia-a-dia e mergulham fundo. Invariavelmente voltam para as salas de aulas mais leves e mais bronzeados. Há os que preferem fazer uma ginástica e até mesmo um "cooper" pelas ruas do campus ou pelas pistas de atletismo. As opções são duas: correr nos 400 metros em volta do campo de futebol ou optar pelos 872 metros de pista de condicionamento físico debaixo de agradável sombra.

A Praça da Paz, com aproximadamente 400 árvores, é também um local onde acontece de tudo um pouco. Sombra e gramado à vontade convidam a uma boa leitura, a um descontraído namoro, a uma pelada de futebol, a um joguinho de vôlei e a uma rodinha de violão. Há até mesmo um grupo de fiéis que lá se reúne para suaves momentos de reflexão. Às vezes o Instituto de Artes desloca para a Praça da Paz alguns de seus músicos, dançarinos e mímicos, que quebram, de forma agradável, a paz da praça. É também no horário de almoço que o Deparamento de Música promove os já tradicionais "Concertos do Meio-Dia". Embora o programa se inicie sempre meia hora mais tarde do que sugere o nome, o público não perde a oportunidade de ouvir gratuitamente um gostoso som de piano, com violino ao fundo, ou de conhecer o pouco difundido, porém muito agradável, cravo. O resultado foi tão bom que o programa, que era realizado somente às quarta-feiras, foi estendido, de forma não fixa, para outros dias da semana.

Mas é nas imediações do Ciclo Básico que tudo acontece. De segunda a sexta, todas as semanas, alguma coisa sempre marca mais um dia no calendário do velho e democrático Básico. É lá, por exemplo, que acontecem as mais importantes assembléias estudantis. Desde a época de Zeferino Vaz, passando pelos sombrios anos da crise de 81, pela gestão do prof. Pinotti até os dias de hoje, o Básico tem muita história para contar. De um descontraído banho de um aluno da pós-graduação no chafariz da praça central, até o tradicional truco, cada vez mais bradado por alunas, o Básico sempre foi acolhedor. Não é por acaso que o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) acolheu-o como local para exibir, também no horário de almoço, o "Projeto Básico" e o "Videoarte", levando sempre aos alunos boa música e o que há de melhor em termos de cinematografia.

Mas é nas cantinas que os velhos amigos se encontram. Das 12 cantinas espalhadas pelos 16 institutos e faculdades do campus, duas merecem destaque. A do Instituto de Física e a do Instituto de Química. O sucesso da primeira, mais recente, pode ser facilmente explicado: está localizada em frente ao Básico. A outra já é tradição: também instalada diante do Básico, é o local preferido de alunos, professores e funcionários que preferem um lanche rápido enquanto desfiam velhas histórias do campus de outros tempos. Entre um "da casa" ou um "contra com queijo" (os pratos mais vendidos no estabelecimento), os veteranos falam de antigas farras e movimentadas festas, que começavam nas hoje quase extintas repúblicas e terminavam invariavelmente no bar "Caldinho", que ficava na avenida Barão de Itapura, frente ao Instituto Agronômico. Com programas que iam de uma romântica e gostosa MPB até um esperto forró, o "Caldinho" sempre foi pequeno para o número de alunos que ali se encontravam, especialmente às quinta-feiras. O reflexo disso era notado no dia seguinte: todas as sextas a Universidade já não mostrava a mesma vivacidade.

Servindo a comunidade

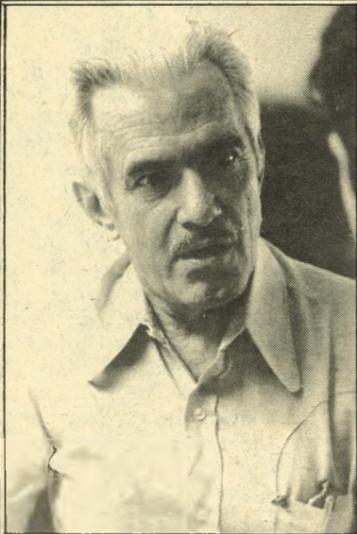
De um simples curativo realizado no pronto-socorro, passando por um tratamento de canal feito pelo serviço de odontologia prestado no Centro de Saúde da Comunidade, até uma delicada cirurgia cardíaca no Hospital das Clínicas, a Unicamp é hoje uma importante fonte prestadora de serviços à comunidade. Centro de referência para assuntos de saúde em Campinas e mais 94 municípios da região, o Hospital das Clínicas da Unicamp atende uma população estimada em 4 milhões de habitantes. As dezenas de ambulâncias e micrônibus estacionados diariamente frente ao HC provam que a Unicamp tornou-se, nos últimos anos, o principal centro de referência hospitalar de todo o leste paulista. Além do HC e do Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (CAISM) — na verdade o primeiro hospital brasileiro voltado exclusivamente para a mulher —, a Unicamp dispõe ainda do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom), que oferece aos 20.000 habitantes do campus universitário total assistência nas áreas médica e odontológica. Os serviços são gratuitos para professores, alunos e funcionários.

É natural que, numa cidade por onde circulam diariamente cerca de 25 mil pessoas, e de resto situada próxima de um grande centro urbano, problemas de ordem social ocorram com alguma freqüência. Para começar, trata-se de um campus sem muros e aonde entroncam inúmeras vias de acesso. As estatísticas do último mês de outubro são expressivas: oito furtos de veículos, três acidentes de trânsito, oito registros de furtos e três detenções, todas com menores portando tóxicos. A Prefeitura de campus, sob cuja responsabilidade está a guarda do campus (um pequeno exército de 194 homens), mantém a tranqüilidade da Cidade Universitária. Os índices já baixaram em novembro.

A exemplo do que ocorre em qualquer cidade que expresse sintomas de desenvolvimento, é no final de semana que a Unicamp se transforma. O mesmo local que durante a semana foi palco de muitos acontecimentos, manifestações artísticas e políticas e sobretudo atividades acadêmicas, no sábado e no domingo fica destinado a lazer. As ruas do campus, que durante a semana registraram intenso movimento de veículos, cede lugar às bicicletas; alguns estacionamentos são transformados em pontos para prática de aeromodelismo, outros em campos para empinar pipas. Os gramados são ocupados por crianças e adultos. O Centro Esportivo fica literalmente tomado por praticantes do popular futebol de salão ao sofisticado tênis. Sem desconsiderar os esportistas mais atrevidos que a bordo de um incrementado "skate" não se intimidam com a rampa próxima à Faculdade de Engenharia Agrícola. Vento no rosto e velocidade descontrolada não são problemas para esses aventureiros. Ao contrário, emoção.

A cada quatro minutos, um ônibus chega e outro deixa o campus.

Sobra sempre um tempinho para um mergulho.

Atores dinamarqueses numa apresentação em cena aberta.

Rui Rodriguez: obstinada defesa de uma idéia.

A centenária Santa Casa, que abrigou a FCM durante 20 anos.

Luso Ventura: o jornalismo a serviço da causa.

FCM, embrionários tempos heróicos

Aquela quarta-feira, 25 de julho de 1962, acabou ficando na história: para milhares de campineiros, concretizava-se um sonho antigo, que vinha sendo acalentado há mais de 18 anos.

Naquela quarta-feira, o então governador do Estado, Carvalho Pinto, aprovava a criação e a instalação da Faculdade de Medicina de Campinas. Criava também a de Botucatu. A informação chegou aos jornais no período da tarde e, logo, de boca em boca, ganhou as ruas. E começaram as manifestações nas entidades e sindicatos que, de forma direta ou indireta, há anos vinham lutando para que o projeto vingasse. Para chegar a isso, entretanto, muita água rolou sob a ponte.

Hoje, a história da Faculdade de Ciências Médicas praticamente se confunde com a história de uma outra instituição, maior, e da qual ela seria, honrosamente, o embrião: a Unicamp.

O início de tudo

Pode-se dizer que o primeiro a levantar a idéia da instalação de uma escola médica em Campinas foi o jornalista Luso Ventura, diretor de redação do jornal "Correio Popular". O ano era o de 1943. Logo outras figuras importantes juntaram-se a ele, como os deputados Rui de Almeida Barbosa e Sólon Borges dos Reis, por exemplo. Luso agiu febrilmente, acionando entidades de classe, órgãos educacionais e até mesmo a Igreja, enquanto que Rui e Sólon se ocupavam da Câmara local de vereadores e da Assembléia Legislativa.

Campinas, naquela época, possuía já perfeita infra-estrutura para sediar uma escola de medicina tanto do ponto de vista geográfico quanto do de serviços; além disso era servida por excelente sistema viário e ferroviário e contava com um dos maiores contingentes estudantis do interior do Estado. Todavia, a luta para a criação da faculdade alongou-se por vinte anos, desde que fora lançada a idéia por Luso Ventura. A luta ganhou seu ponto mais alto em março de 1955, quando foi criado o Conselho de Entidades de Campinas, o CEC, do qual sobressaíram dois nomes importantes: Ruy Rodriguez, na época presidente da Associação Comercial de Campinas, e Herculano Gouveia Neto, presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA).

Se por um lado a principal tarefa do CEC era "debater problemas e defender os interesses da cidade e da coletividade", como rezava seu estatuto, por outro entrou de maneira decisiva na briga pela instalação de uma escola de medicina na cidade.

Já naquele tempo — março de 55 — o Conselho de Entidades de Campinas, em sua segunda reunião, colocava em discussão questões e métodos de atuação do CEC. O Conselho decidiu pela criação de onze comissões, cada qual com atribuições definidas e específicas. Por exemplo: enquanto uma se incumbia do levantamento geoeconômico da região, outras tratavam de intensificar contatos e divulgar os resultados dos trabalhos desenvolvidos, além de atuar junto à Câmara Municipal, ao Legislativo, ao Executivo e autoridades diversas.

Campanhas memoráveis

Apesar dos esforços, a máquina que impulsionava a criação da escola parecia emperrada — problema que se arrastou por mais três longos anos, depois da criação do CEC.

Em 1958, finalmente, foi aprovada a Lei que criava, entre outras, a Faculdade de Ciências Médicas de Campinas. Detalhe: foi aprovada a instalação da escola, mas não foi autorizada sua instalação. Tampouco se cogitou de reserva de local. Por causa disso, eclodiram novas e memoráveis campanhas, tanto pelo Conselho das Entidades de Campinas, quanto pela Imprensa de Campinas e até de São Paulo. "Tudo volta ao ponto inicial, fruto de uma orientação política em que predomina a demagogia, a falta de autoridade, simplesmente", denunciava o dr. Roberto Franco do Amaral, da Comissão Coordenadora do Conselho de Entidades.

As dissensões vinham de todos os lados. Havia até mesmo os que eram contra a criação da Faculdade de Medicina em Campinas; estes alegavam que, localizada muito próxima à Capital, a cidade não necessitava de uma escola desse tipo. Contudo, essa teoria cairia por terra porque estudos feitos na época davam conta de que Campinas e região contavam com um médico para cada três mil pessoas, enquanto que a Organização Mundial de Saúde (OMS) determinava um médico para cada 750 pessoas. Argumento que não comoveu muito o então governador Jânio Quadros.

Três anos mais tarde, isto é, em 1961, D. Paulo de Tarso Campos, arcebispo metropolitano, também entrava na briga. "Essa batalha — dizia — é seqüência da luta há muito lançada e sustentada pelo jornalista Luso Ventura, e que contou com a decisiva colaboração dos professores Paulo Mangabeira Albernaz, Antônio de Almeida e outras ilustres figuras da medicina e da sociedade de Campinas. Não é Campinas que precisa da Faculdade de Medicina, mas esta sim é que precisa de Campinas."

Quando tudo parecia caminhar bem, Carvalho Pinto, o novo governador, nomeia um Grupo de Trabalho para analisar mais detidamente a viabilidade ou não da criação da Faculdade. E chega à conclusão de que "novas escolas médicas, além de dispensáveis, têm o inconveniente de onerar pesadamente as finanças do Estado". Tal pronunciamento abalou profundamente a cidade, principalmente os integrantes do CEC. Todavia, o Conselho rebateu com a apresentação dos sólidos levantamentos feitos, argumentando que o Grupo não procurara ouvir ou contestar, num debate construtivo, os dados e argumentos favoráveis que a população de toda a região, das mais densamente povoadas, há muito vinha expondo.

O tempo foi correndo, aguardava-se com ansiedade a mensagem de Carvalho Pinto a ser enviada ao Legislativo. Poucos acreditavam que a escola médica de Campinas pudesse entrar em funcionamento naquele período, pelo menos não enquanto vigorasse aquele quadro político. Entretanto, em julho de 1962, uma quarta-feira, Carvalho Pinto autorizava a instalação da Faculdade. No dia seguinte, os jornais davam em manchete de primeira página o desfecho de uma campanha que completava, ao todo, dezoito anos. Um ano depois entraria em funcionamento.

Anos 60: conheça o segredo do polichinelo

Em 1965, quando começou a ser pensada pelo prof. Zeferino Vaz, seu fundador, a Unicamp só existia no papel. Funcionava, na época, com apenas um curso médico (da Faculdade de Ciências Médicas, que teve início em 1963), operando em algumas salas emprestadas de um prédio inacabado da Maternidade de Campinas, no centro da cidade.

O que Zeferino planejava, na verdade, era uma universidade alicerçada na existência de institutos básicos que reunissem em um só ambiente todas as disciplinas iguais ou afins, de todas as unidades que a comporiam, estrutura até então só prevista em lei para a Universidade de Brasília.

Sonhava também com laboratórios, equipamentos sofisticados, pesquisas de interesse social e um ensino permeado pela experiência da investigação científica. Muitos achavam a idéia impossível: "Como! Uma universidade desse quilate no Interior? Loucura!" Talvez tivessem se esquecido de que, em 1951, o "velho Zefa" já fora chamado de louco ao pretender implantar uma faculdade de medicina a 350 quilômetros de São Paulo, onde nem estradas asfaltadas havia. E isto era obstáculo? Zeferino botou o pé no barro, mexeu os pauzinhos e, no centro de uma aprazível fazenda de café, frente a um lago, ergueu uma escola que hoje tem a fama de ser uma das melhores do País, na área: a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Dono de um raciocínio rápido e criativo, e às vezes incomparavelmente teimoso, Zeferino Vaz planejou o campus da universidade do jeito que ele queria: uma instituição "sem muros", simbolizada no logotipo que ele mesmo criara. Imaginara uma Cidade Universitária onde cientistas, artistas e humanistas das mais variadas nacionalidades se cruzassem num mesmo espaço e falassem a mesma linguagem; nada deveria limitar esse entendimento, mas havia um limite numérico: o alunado não deveria ser superior a oito mil, "para que fossem poucos e bons". Ele esperava evitar assim "a doença do gigantismo" e preservar o centro de excelência que o projeto previra.

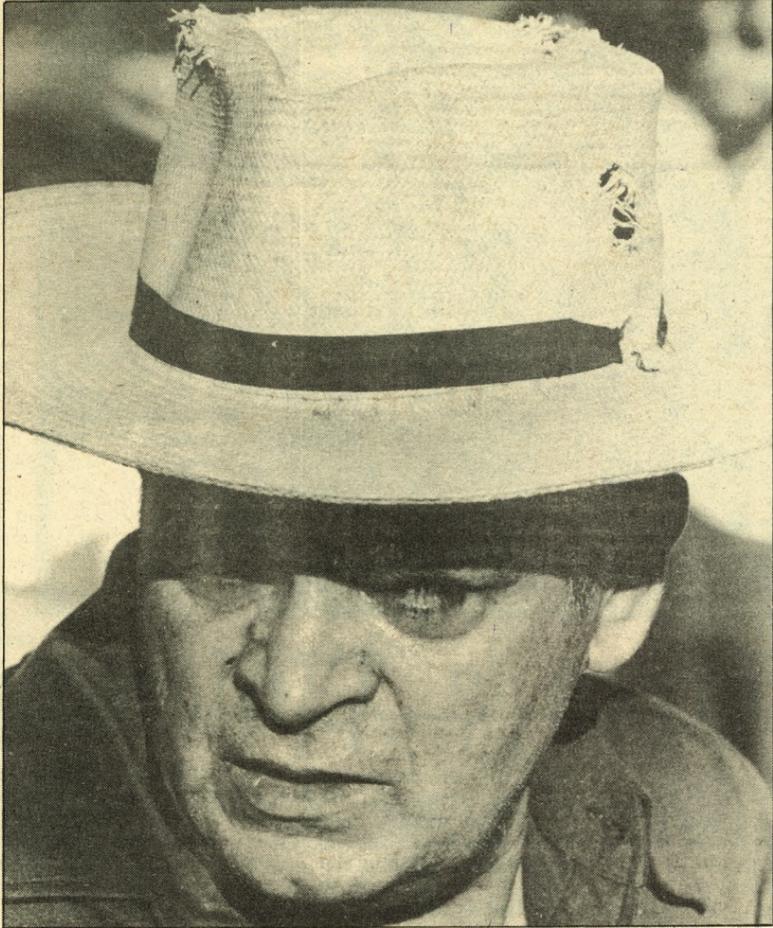
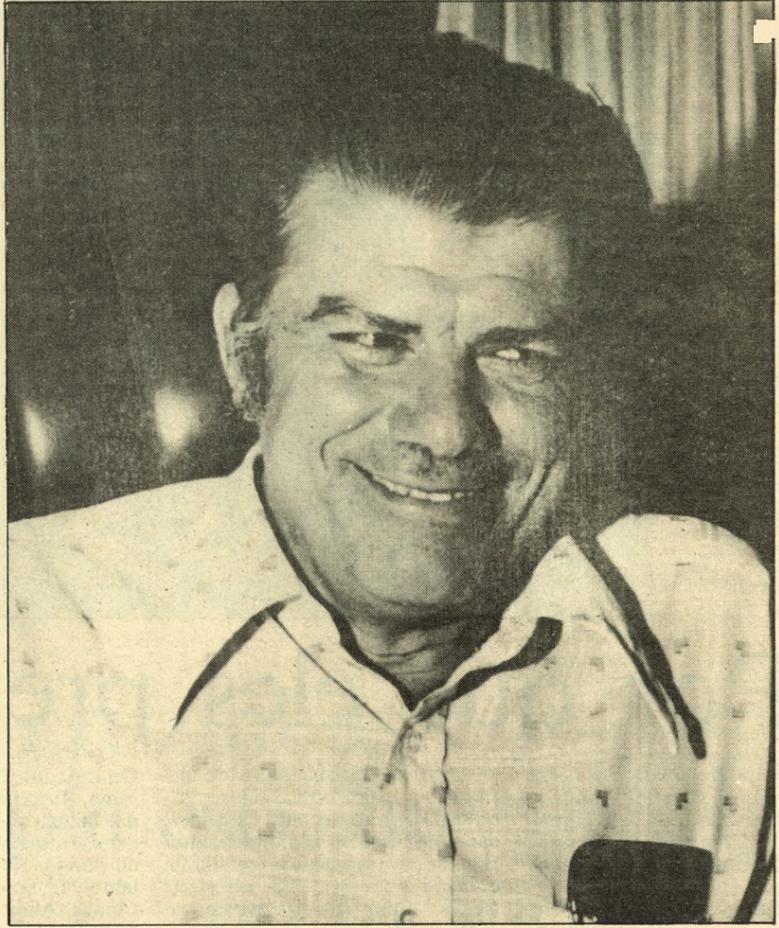
Segredo de polichinelo

Muitos, todavia, perguntavam como foi possível, em tão pouco tempo, reunir uma equipe de professores de tão alto nível, diversificar de tal modo as áreas e construir uma das três mais importantes universidades do Brasil, partindo praticamente do nada. Criador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, professor catedrático de Parasitologia da Usp, professor honorário da Universidade Nacional de Assunción e reitor da Universidade de Brasília por dois anos, Zeferino tinha a resposta: "Basta acreditar na capacidade realizadora dos homens e não apenas em edifícios suntuosos e equipamentos sofisticados. A idéia foi-me praticamente imposta pelo Conselho Estadual de Educação. Minha missão era organizar, planejar e implantar uma universidade, que já existia por lei, mas vinha funcionando com um curso médio no 3.º ano".

Modéstia à parte, o pertinaz "Zefa" atribuía o sucesso das instituições que criara a um "segredo de polichinelo": em primeiro lugar, cérebros; em segundo, cérebros; em terceiro, cérebros; e depois, então, bibliotecas, equipamentos, edifícios etc".

E foi pensando nisso, é claro, que reuniu em Campinas alguns dos mais expressivos intelectuais e pesquisadores da época, trazendo para cá 240 cientistas estrangeiros e outros 180 brasileiros — os chamados "pioneiros" — que se encontravam no exterior. Tudo isso antes mesmo de se preocupar com a construção física do campus.

Até que, na manhã de 5 de outubro de 1966, o ex-ator amador, ex-velocista, médico parasitologista, professor e reitor já nomeado lançou a pedra fundamental da Universidade Estadual de Campinas. Que hoje, duas décadas depois, sem dúvida superou seus limites numéricos, mas ostenta o perfil que um dia Zeferino sonhou: produção intelectual intensa, cerca de duas mil pesquisas em andamento, algumas das melhores unidades de ensino do País e um alto grau de integração com o setor produtivo e a sociedade em geral.

Plano-piloto da nova universidade: moldura para cérebros.

César Lattes: chapéu de palha na cabeça privilegiada.

Sérgio Porto: presença constante no debate científico.

Nomes que fizeram a Universidade

De um modo geral, todos colaboraram para construir o prestígio que a Unicamp tem hoje. Alguns, entretanto, são do tempo em que era preciso partir do nada.

Uma universidade não se constrói apenas com prédios e equipamentos, mas principalmente com cérebros. A célebre frase do prof. Zeferino Vaz, criador da Unicamp, resume bem a forma pela qual a Universidade foi concebida. Para fazer da Unicamp um centro de excelência, Vaz não mediu esforços. Os pesquisadores que integraram os primeiros quadros docentes da instituição foram buscados em centros de primeira grandeza, quer da Europa, quer dos Estados Unidos, assim como os talentos brasileiros que se encontravam refugiados no exterior ou em algum ponto do país sem as condições necessárias para o desenvolvimento de seus trabalhos científicos.

A política de reunir no campus de Barão Geraldo o melhor nível de qualificação pessoal em diferentes áreas possibilitou à Unicamp se tornar um centro de saber respeitado pela comunidade científica como um todo pela população em geral. Ao longo desses 20 anos de funcionamento a Unicamp consolidou seu nome no cenário nacional e internacional, garantindo para seus pesquisadores e alunos de pós-graduação a confiança acadêmica e dos órgãos de financiamento. As grandes discussões do país jamais deixaram de interessar à reflexão crítica de seus docentes, que passaram a interagir cada vez mais com as questões nacionais emergentes.

Na física, o começo

Com a convicção de que nenhuma instituição do mundo consegue se assentar sendo boa em tudo, optou-se por fazer da Física a primeira área de excelência da Unicamp. Depois se investiria nas demais. A estratégia adotada, que transformou o Instituto de Física da Universidade na "menina dos olhos de Zeferino Vaz" e não deixou de provocar contestações da parte de pesquisadores de outras áreas (que se sentiam prejudicados principalmente pelo volume de recursos para lá destinados), mostrou-se eficaz.

Nomes como Gleb Wataghin, Sérgio Porto, Rogério Cézar de Cerqueira Leite, César Lattes, Marcelo Damy, José Ellis Ripper, Nelson de Jesus Parada, Navin Patel, Felipe Brosson e João Alberto Meyer se tornaram presença constante no grande debate nacional, quer na imprensa quer fora dela, devido aos projetos de pesquisa que desenvolviam e às opiniões críticas que teciam em torno de questões polêmicas como o famoso acordo nuclear Brasil-Alemanha, então largamente criticado pelos pesquisadores da Unicamp.

Foi da Física que saíram alguns dos mais proeminentes projetos de pesquisa. A concentração de projetos de ressonância nacional no Instituto fez com que até mesmo a propaganda institucional estivesse durante algum tempo centrada na Física. Já em 1975 o Instituto abrigava cerca de uma centena de doutores na área, o que representava não menos de um terço do número de doutores em Física no Brasil, congregando para si uma competência técnico-científica inquestionável.

Eficiência e competência

Aos poucos, porém, a Universidade espalhou a competência para as demais áreas. Conjugada com a Física, a Engenharia Moderna — a eletrônica com seus pesquisadores oriundos do ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica) de São José dos Campos e da USP, se constituíram "na semente intelectual que determinou a inclinação para a área de Ciências Exatas voltada para as aplicações", segundo avaliação de Cerqueira Leite. Essa influência é sentida até hoje através dos nomes de Manoel Sobral Júnior, que projetou os cursos e as pesquisas na área de engenharia, e de Carlos Ignácio Mammana, que coordenou o projeto de circuitos integrados na Faculdade de Engenharia Elétrica e é hoje diretor do Instituto de Microeletrônica do Centro Tecnológico para Informática (CTI).

Na área Biológica, os nomes de Friedrich Gustav Brieger, geneticista famoso por suas pesquisas sobre a evolução nos trópicos e de novos métodos de melhoramento de milho e de orquídeas, Oswaldo Vital Brasil, Bernardo Beiguelman e Júlio Franceschi (farmacologia), imprimiram notável ritmo de pesquisa em suas áreas específicas. Nas Exatas, os professores Newton Carneiro Affonso da Costa e Ayda Arruda — precocemente falecida — foram os responsáveis pela introdução no Brasil da pesquisa em Lógicas não Clássicas e Teoria de Modelos e Fundamentos, no Instituto de Matemática, que resultaram depois na criação do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, graças ao trabalho do prof. Oswaldo Porchat Pereira. O CLE é hoje o principal referencial da área no país.

Na Química, o nome mais importante foi sem dúvida alguma o do prof. Giuseppe Cilento. Na Engenharia de Alimentos, André Tosello. Mais recentemente destacam-se os nomes de Crodowaldo Pavan (Biologia), Carlos Franchi (Lingüística), Amilcar Herrera (Geociências), Conceição Tavares (Economia), Paulo Freire (Educação), Álvaro de Bautista, Almeida Prado e Benito Juarez (Artes). Ao lado desses nomes, mais de dois mil outros pesquisadores desenvolvem 977 linhas de pesquisa (o que resulta em cerca de 2.000 projetos em andamento) contribuem para que a Unicamp seja sinônimo de eficiência e seriedade na pesquisa acadêmica.

Ayda Arruda: a matemática ainda lamenta sua perda.

Cerqueira Leite: entre os nomes proeminentes da Física atual.

Tosello: estrela de primeira grandeza na engenharia de alimentos.

Momento histórico: um grupo de formandos celebra com rojões o último dia de aula.

Por que eles preferem a Unicamp

Nos países desenvolvidos o sistema de ensino superior é marcado, grosso modo, por duas características aparentemente contrastantes: ou primam pelo regionalismo visando atender às necessidades da comunidade local, ou pelo caráter nacional e até internacional em busca das tecnologias de ponta que permitirão o acompanhamento dos avanços em determinados campos da ciência. A Unicamp, quer por tradição, quer pela filosofia de trabalho, se enquadra no segundo caso. Para acentuar ainda mais essa posição, a Universidade procurou facilitar, a partir deste ano, o ingresso dos candidatos procedentes dos mais variados pontos do país através da realização de seu vestibular a nível nacional. Prova disso é que, dos 29.932 candidatos inscritos, quase 1.000 são oriundos de outros estados.

"Uma universidade cujas pesquisas primam pelo desenvolvimento da informática, da biotecnologia, da química fina e da física de novos materiais não pode restringir-se apenas ao atendimento da comunidade local. Queremos ampliar cada vez mais nosso espectro de atuação", diz o pró-reitor de graduação, prof. Antônio Mário Sette. Segundo ele, a idéia de abrir as portas a candidatos de todo o país surgiu a partir de discussões a respeito do próprio vestibular. O desenvolvimento das pesquisas nas áreas de informática, fibra óptica e laser fizeram da Unicamp uma Universidade conhecida nacionalmente. Essa fama ultrapassou fronteiras e chegou também ao exterior. Nessa linha de pensamento chegou-se à conclusão de que a realização de um vestibular de alcance nacional seria o mecanismo mais eficaz para atrair para a Unicamp candidatos de todo o Brasil.

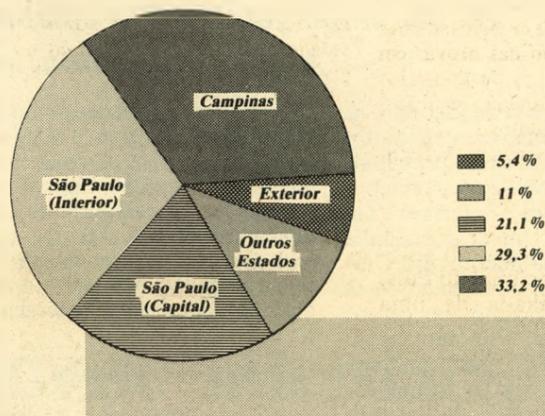
A realização do vestibular nacional faz um passo importante na caminhada em busca desse objetivo. De acordo com números levantados pela Pró - reitoria de Graduação, foi significativo o percentual de candidatos que deixaram de inscrever-se quando tomaram consciência de que os exames deveriam ser realizados em Campinas. "Caso contrário", afirma Sette, "certamente o número de candidatos seria triplicado". Isso pode vir a ser verdade no vestibular de 89, caso os organizadores se certifiquem da viabilidade de realização dos exames em todos os locais de inscrição.

Índice discreto

Ao contrário dos cursos de pós- graduação da Unicamp, que se caracterizam por considerável número de alunos procedentes de outros estados (cerca de 34,9%), na graduação este índice cai para 11%. O coordenador de finanças e patrimônio do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp, Juscelino Antonio Dourado, faz parte do contigente. Ele é natural de Rondonópolis, cidade do interior do Mato Grosso, distante 213 quilômetros da capital Cuiabá. Aluno do 2.° ano do curso de Química, Juscelino deixou a terra natal aos 17 anos, quando foi para Uberaba, interior de Minas Gerais, com o objetivo de cursar o primeiro e o segundo colegial.

Interessado em fazer Química na USP, foi para Ribeirão Preto, onde fez o terceiro colegial. Naquela cidade obteve maiores informações sobre a Unicamp. "A qualidade do curso e das pesquisas desenvolvidas no instituto pesaram muito para minha decisão", diz Juscelino. "A cidade também. Prefiro o interior à capital". Mesmo sem ter feito cursinho para vestibular e consciente de ter realizado um segundo grau apenas razoável, não sentiu muita dificuldade para acompanhar o curso. Hoje, aos 21 anos, Juscelino não pensa em voltar para seu estado de origem. Sua meta é fazer pós - graduação na Unicamp ou em qualquer outra universidade de São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais.

Outro aluno que não mediu distância para fazer parte do corpo discente da Universidade é Narci Edson Venturini, quartanista do curso de Engenharia Elétrica. Em idade precoce, aos 16 anos, ele ingressou na Universidade de em 1984, quando deixou a cidade paranaense de Foz do Iguaçu. Mesmo cursando um escola particular, considerada por ele "de nível baixo", não teve grande dificuldade em ingressar nos cursos de Engenharia Elétrica, em segunda opção na Unicamp e em primeira na Unesp. "Não medi esforços para atingir meu objetivo", justifica Narci. Soube da existência da Unicamp ainda no Paraná. "A qualidade do ensino e a abrangência das pesquisas motivaram minha vinda". Faltando somente um ano para a conclusão do curso, seu objetivo é fazer mestrado na Unicamp,, devendo posteriormente seguir carreira acadêmica. Em termos de mercado de trabalho, não quer saber de indústria. "Meu negócio é pesquisa", garante.

Nesta segunda edição do vestibular da Unicamp, dos 928 candidatos inscritos, o Rio de Janeiro foi o que apresentou maior procura, com 290 inscritos. O restante vem dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Distrito Federal, Paraná e Pernambuco.

Procedência dos alunos de graduação da Unicamp

Na pós-graduação, uma escola de escolas

No final de 1971, a Unicamp fechava seu ano letivo com um total de 19 teses defendidas a nível de mestrado. Não era muito, mas afinal a Universidade só tinha cinco anos de vida. Pode-se dizer que, em se tratando de pós-graduação, ela já começava a mostrar seu potencial no campo da pesquisa científica. Hoje, com mais de 2.000 pesquisas em andamento e com 246 teses defendidas (199 de mestrado e 47 de doutorado) somente este ano, a Unicamp situa-se tranqüilamente entre os três maiores centros de excelência do País, ao lado da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A posição privilegiada que ocupa a Unicamp em relação às instituições de ensino superior no País é bastante visível a partir da avaliação periódica que a Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Ensino Superior), órgão do Ministério da Educação, vem realizando. Dos 34 cursos de mestrado avaliados, 20 receberam conceito A (recomendável).Na avaliação de 18 cursos de doutorado, 12 receberam nota máxima. Este é apenas um dos elementos que colocam os cursos de pós-graduação da Unicamp entre os mais procurados do Brasil.

Conhecido nacionalmente como o melhor mestrado do País, o curso de Fisiologia Vegetal do Instituto de Biologia é um dos 20 cuja avaliação da Capes mereceu conceito A. Vilma Palazetti de Almeida é uma das alunas que se interessaram em aprofundar seus conhecimentos na Unicamp. A sugestão partiu de pesquisadores do Instituto Biológico de São Paulo e do Instituto Botânico, onde fazia estágio. Embora formada em Biologia pela Universidade de São Paulo, não foi na primeira tentativa que a então candidata alcançou seu intento.

Hoje, prestes a conquistar o título de mestre, Vilma garante que o mestrado em Fisiologia Vegetal atingiu suas expectativas. "A boa reputação do curso pesa bastante no currículo", garante. Professora efetiva da rede estadual de ensino, a mestranda quer conciliar o ensino e a pesquisa. Embora o objetivo seja atuar em alguma instituição de pesquisa, ela acha fundamental repassar esse conhecimento. Não descarta a possibilidade de fazer um curso de doutorado — de preferência na própria Unicamp — trabalhando paralelamente com alunos da rede oficial.

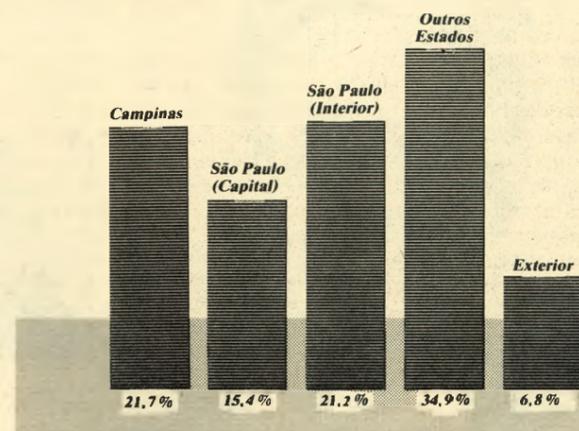
Além fronteiras

Neste 2.° semestre, 4.747 alunos se matricularam para os cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) na Unicamp, a maior parte procedente de outras universidades — o que faz da Unicamp, no caso, uma escola de escolas: 69,2% de doutorado e 57,5% de mestrado. Do contingente dos alunos de mestrado cuja graduação não foi realizada na Unicamp, 40% procedem de outros Estados, 53% de universidades de São Paulo (com destaque para a Usp, responsável por 14,6% dos alunos, ficando a Puccamp com 9,1%) e 7% do exterior. Minas Gerais é o Estado responsável pela vinda do maior número de mestrandos: 9,4% seguido do Rio Grande do Sul, com 8,2%, e do Rio de Janeiro, com 3,9%.

Nos cursos de doutorado o quadro é bastante semelhante: 41,9% dos alunos procedentes de outras universidades vêm de outros Estados, sendo 9,4% do Rio de Janeiro, 6% de Minas Gerais e 4,3% do Rio Grande do Sul. Entre as universidades paulistas, a Usp mais uma vez fica com a maior parcela, enviando 19,9% dos alunos, seguida da Unesp, com 6,5% e do Ita com 4,5%. O percentual de alunos estrangeiros que se interessam pelos cursos de doutorado na Unicamp é também relevante: 7,2%.

Os cursos de Tecnologia de Alimentos oferecidos pela Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, tanto no mestrado quanto no doutorado, são considerados os melhores do País. Tanto é que a Capes tem sistematicamente destinado conceito A para ambos. Esta fama ultrapassou fronteiras e chegou, entre outros países, ao México. Foi lá que o aluno Fernando Martinez soube, através de pesquisadores ligados à Universidade Veracruzana, instituição onde graduou-se, da existência do curso. Em 78 e 79, Fernando fez mestrado na Unicamp, retornando ao México, onde vinculou-se ao Instituto Nacional de Pesquisas Florestais, Agricolas e Pecuárias daquele país. Essa mesma instituição, através do governo mexicano, financiou em 84 o retorno de Fernando à Unicamp para o curso de doutorado. Segundo o aluno, as semelhanças entre as realidades do Brasil e do México facilitam bastante seu trabalho. "Não sinto dificuldades em aplicar no meu país os conhecimentos assimilados aqui", revela.

Pós no Brasil

Os cursos de pós-graduação no Brasil são relativamente recentes. Dos 50 mil alunos distribuídos entre inúmeras universidades brasileiras, cerca de 10% pertencem aos bancos acadêmicos da Unicamp. As universidades brasileiras são responsáveis por 80% das pesquisas desenvolvidas no País. Deste total, significativa parcela de 70% é creditada aos alunos de pós. Aproximadamente 60% dos alunos recebem bolsa e cerca de 45% não concluem o curso, que leva em média de 4 a 6 anos. A meta do Plano Nacional de Pós-Graduação é formar até o ano 2.010 cerca de 500 mil novos cientistas, o que permitiria a relação de 1 pesquisador para cada conjunto de 2.000 habitantes — índice registrado somente nos países desenvolvidos.

Procedência dos alunos de pós-graduação da Unicamp

Quase sem exceção, os candidatos aprovaram o novo vestibular.

Vestibular

Fora com as cruzinhas. Adeus, múltipla escolha

No dia 7 de dezembro de 1986, muita gente acordou preocupada antes do horário costumeiro. De um lado, os treze mil candidatos que se preparavam para o desconhecido: a prova de redação que constituía a primeira fase do vestibular da Unicamp. De outro os organizadores que, após quatro anos de discussões, resolviam finalmente desvincular o exame da Fuvest e realizar o próprio vestibular, abolindo os testes de múltipla escolha.

Passado um ano, os resultados foram significativos: não poucas universidades brasileiras resolveram igualmente alterar o sistema de seleção de seus candidatos. Da mesma forma, escolas de 2.° grau, das redes pública e privada e também cursinhos preparatórios para o vestibular, tendem a adotar o novo sistema de avaliação do candidato, em que a capacidade de raciocínio tem maior valor que a memorização.

Divulgados os resultados que trouxeram para os bancos da Universidade mais 1.380 novos alunos, a Comissão Permanente para os Vestibulares mostrava-se preocupada com a realização do próximo exame de ingresso à Unicamp. "Queríamos colher opiniões a respeito dessa primeira experiência", diz o secretário executivo do Convest, prof. Jocimar Archangelo. Neste sentido foram enviadas aproximadamente dez mil correspondências aos variados segmentos ligados à educação no país. Escolas de 2.° grau das redes pública e privada de todo Estado, cursinhos preparatórios para vestibular, universidades brasileiras, professores da Unicamp e órgãos de imprensa foram alvos dessas solicitações. Além das provas em suas duas fases, os destinatários receberam os manuais de informações aos candidatos.

O resultado, segundo Archangelo, foi satisfatório. Das mais variadas e desconhecidas localidades do Estado de São Paulo chegaram respostas, em sua quase totalidade destinando elogios à iniciativa da Unicamp. O corpo docente da Escola EstaJual de 1.° e 2.° Graus "Dona Geny Gomes", da cidade paulista de São Sebastião da Grama, por exemplo, fez a seguinte apreciação sobre o exame da Unicamp: "Questões bem elaboradas, expostas com clareza e objetividade, exigindo do candidato o exercício da capacidade de expressão e interpretação". Por outro lado, nem todos os professores consideram que o sistema educacional brasileiro está preparado para enfrentar vestibular deste nível. A opinião deles reflete em geral, o ponto de vista dos outros estabelecimentos de ensino que se manifestaram sobre o assunto.

Reflexo nas universidades

As modificações introduzidas pela Unicamp em seu vestibular alcançaram grande repercussão, não apenas na opinião pública e nos meios de comunicação, como principalmente entre os organizadores dos concursos vestibulares em todo Brasil. Resultado direto dessa inovação foi o encontro, na Unicamp, de 70 educadores representando 30 instituições de ensino superior do país. A maioria dos participantes apoiou as inovações e mostrou-se flexível à introdução de novos métodos e até de modificações radicais nos sistemas de seleção de novos alunos.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que participou do encontro, tomou a frente: aboliu definitivamente os testes de múltipla escolha. "Finalmente adotamos provas capazes de oferecer ao estudante a possibilidade de demonstrar a capacidade de pensar, de correlatar, de inferir, enfim de exprimir-se com toda a liberdade", diz o reitor da instituição, Horácio Macedo. A exemplo da Unicamp, a UFRJ quer que as cruzinhas sejam substituídas por reflexões e pelo desenvolvimento de conceitos. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo também modificou seu sistema de seleção, exigindo do candidato maior capacidade de raciocínio. A Universidade Federal Fluminense já deu o primeiro passo: a partir deste ano realizará seu vestibular independente da Fundação Cesgranrio.

Reflexo no 2.° grau

A nível de segundo grau, os reflexos são notáveis. A exemplo do Colégio Técnico da Unicamp, que introduziu exclusivamente o sistema de provas com questões dissertativas, o Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", conglomerado de doze colégios técnicos ligados à Universidade Estadual Paulista (Unesp), também adotou o novo sistema em seu vestibulinho.

Em relação aos cursinhos preparatórios para o vestibular, que a princípio mostraram alguma resistência, principalmente por estarem conscientes da necessidade de alterar todo o método de trabalho, hoje, se não apóiam totalmente, mostram-se mais flexíveis. Prova disso é o livro editado por professores do Anglo "Vestibular Unicamp: o desafio do novo". Em sua apresentação, não se dispensam elogios à proposta inovadora da Universidade: "Um vestibular novo que ao mesmo tempo aterroriza e fascina; instiga e desestabiliza;...se propõe a reatar coisas que andavam e andam isoladas em nosso sistema educacional: memorização e capacidade reflexiva, domínio de conhecimentos e destreza na sua operacionalização... Em suma, a proposta de um vestibular diferente, que permite à Unicamp criar um referencial de qualidade de ensino no País."

Mudando seus métodos, a Unicamp espera influir favoravelmente no ensino básico.

Em busca de uma nova metodologia de ensino

A evidente crise no sistema educacional do País, acompanhada de uma queda substancial no nível de ensino, preocupa educadores e autoridades da área. O aluno de hoje — em todos os níveis de escolaridade — apresenta deficiências sérias em sua formação. Sem deixar de participar das discussões nacionais pela melhoria do ensino, a Unicamp resolveu buscar seu próprio caminho e intervir diretamente no processo, a partir de mudanças internas. Essas mudanças, como se prevê, tendem a provocar o chamado efeito cascata, na medida em que possibilitam o repensar contínuo de todo o processo educativo.

Tudo começou com uma auto-avaliação dos cursos de graduação da própria Universidade, em meados de 1986. Um rigoroso diagnóstico institucional sobre o ensino de graduação da Universidade foi elaborado pelo pró-reitor da área, prof. Antônio Mário Sette. Os resultados não foram muito animadores. Indicavam necessidades urgentes de reforma. A partir daí, o prof. Sette "arregaçou as mangas" para reverter o quadro que se desdobrava em duas questões fundamentais: material e de ordem acadêmica.

De lá para cá, a Unicamp percorreu quatro etapas: repensou sua graduação; modificou radicalmente seu vestibular, que passou a ser inteiramente dissertativo; procurou influenciar na metodologia de ensino dos cursinhos e escolas de 2.° grau; e, agora, acaba de entrar no primeiro platô do ensino seriado, o 1.° grau. A Faculdade de Educação da Unicamp, juntamente com o CEDES (Centro de Estudos da Educação e Sociedade) promoveu, do final do mês de outubro até o início de novembro último, um amplo debate sobre a reformulação curricular deste nível de ensino. Fecha assim o ciclo entre o ensino básico e a Universidade, possibilitando uma interação entre ambos.

Redirecionar o sistema educacional brasileiro visando dotar o aluno — desde o 1.° grau — de uma capacidade crítica e reflexiva sobre o saber que lhe é transmitido, tem sido o objetivo principal da Unicamp. O que se pretende é dar um sentido de terminalidade em cada nível de escolaridade. A Unicamp "não pretende criar o imobilismo", mas promover um aperfeiçoamento continuado na educação. Essa melhoria passa por uma percepção dos movimentos sociais para se manter na vanguarda e não a reboque das crises. Ou seja: "avaliar o presente para dar o passo rumo ao futuro", afirmou o pró-reitor.

Na verdade, a Unicamp está em busca de novas metodologias de ensino. Quer uma reformulação na forma de apreensão do conhecimento para que o aluno saiba usá-lo quando precisar dele. A importância que a Universidade dá à aproximação entre os três níveis de ensino (1.° e 2.° graus e universitário) para um trabalho conjunto de aprimoramento do ensino está refletida na Comissão Deliberativa do Vestibular da instituição, que abriga representantes da CENP (Coordenadoria de Ensino e de Normas Pedagógicas do Estado), do Sindicato dos Professores e da Apeoesp (Associação dos Professores do Estado de São Paulo).

A reformulação de seus cursos de graduação terá início no ano de 1988 e abrangerá o reequipamento dos laboratórios de ensino, a modernização das bibliotecas, a reforma curricular, o sistema de ensino por crédito ou seriado, o ciclo básico (disciplinas de serviço) e a própria didática de seus professores. Uma mudança de filosofia nos cursos de Licenciatura Plena da Faculdade de Educação, que formam os professores de 2.° grau, também está em curso.

A interação com as escolas da rede pública e particular do 2.° grau, assim como com os cursinhos de vestibular, vem sendo promovida desde o ano passado através do projeto "Unicamp nos colégios". Em função da área de influência da Universidade, que não se limita à cidade de Campinas, as visitas às escolas têm-se estendido às cidades da região. Com o objetivo de aperfeiçoar ainda mais seu vestibular, a enviou uma coleção de suas provas para todas as escolas do Estado para um retorno crítico sobre seu trabalho. Algumas das sugestões que recebeu foram incorporadas no Manual do Vestibular-88.

No âmbito do 1.° grau, os professores da Unicamp, ao lado das escolas do Estado e de assessores da Secretaria de Educação do Estado, refletiram sobre as propostas de reformulação curricular. Os professores não querem mais guias curriculares similares aos introduzidos em 1973, com programas fechados e subordinação a correntes pedagógicas. Desejam programas abertos que possam ser adaptados a cada realidade e dêem margem à criatividade de professor e aluno. Para isso, porém, consideram essencial que o Estado assuma sua responsabilidade de apoio técnico e de cursos de reciclagem que permitam aos professores se tornarem de fato educadores.

Grandes idéias. Elas deram fama à Unicamp

O laser desenvolvido na Unicamp tem hoje larga aplicação social.

A comprovação experimental do **méson pi** e a determinação das massas das chamadas bolas de fogo realizadas pelo físico César Lattes; os primeiros trabalhos sobre lasers novos e a aplicação de laser ao efeito térmico do índice de refração de Porto com Rogério Cézar de Cerqueira Leite; as pesquisas em comunicações ópticas sob a coordenação de José Ellis Ripper e a de sistemas de comunicações digitais sob a orientação de Hélio Waldman, são apenas alguns dos muitos exemplos das pesquisas que tornaram a Unicamp conhecida ao longo de seus primeiros 20 anos de existência.

O desenvolvimento dessas pesquisas faz parte de toda uma filosofia embutida na concepção da nova Universidade, que nasceu com o fim de participar ativamente na evolução da ciência e da tecnologia no país. Consciente de que a pesquisa universitária é um dos principais focos de resistência para diminuir a dependência externa, a Unicamp enquanto instituição vem adotando cada vez mais uma agressiva política de pesquisa integrada nas mais promissoras áreas da "hight technology", tais como Informática, Biotecnologia, Novos Materiais, Química Fina e Energia.

Um celeiro de idéias

Tanto a pesquisa pura quanto a aplicada encontraram na Unicamp um campo fértil para seu desenvolvimento. As aplicações tecnológicas são, na verdade, o resultado da percepção de seus pesquisadores da importância da contribuição do saber acadêmico para a melhoria das condições de vida da sociedade que nela investe.

Um celeiro de idéias. Uma vigorosa política de pós-graduação, cujas teses, mais do que um compromisso acadêmico, transformam-se em "produtos" em benefício da comunidade. Tudo contribui para fazer da Universidade Estadual de Campinas um campo permanente de experimentação. Foi dentro desse espírito inovador que nasceu, no início da década de 70, o programa de comunicações ópticas e o sistema de comunicações digitais para telefonia.

A disseminação da pesquisa científica e tecnológica obedeceu ao desenvolvimento orgânico de cada Unidade, que oferecia a seus pesquisadores, dentro do possível, o apoio logístico e técnico necessário para a realização de seus trabalhos. No campo da Física, a área do laser foi das mais incentivadas com aplicações na medicina, nas telecomunicações e na informática. O desenvolvimento de fontes energéticas alternativas também ganhou impulso, assim como das ligas metálicas para tecnologia de fios supercondutores.

Na Biologia, a engenharia genética do milho mostrou grande potencialidade. Trabalhos na área de controle biológico de pragas agrícolas e o estudo de doenças endêmicas desenvolveram-se de forma satisfatória. É nesta Unidade que se concentra agora um dos principais programas nacionais de Biotecnologia, com a aquisição, em outubro do ano passado, do Centro de Pesquisas Agrícolas das Indústrias Monsanto, hoje Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas e Biológicas (CPPQB). Programas-modelo de saúde pública nasceram a partir da Faculdade de Ciências Médicas, que se tem destacado também na área de câncer ginecológico e mamário e, mais recentemente, no trabalho desenvolvido em conjunto com a CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear) para estudar as lesoēs nucleares em vítimas do acidente com césio 137, em Goiânia.

As Engenharias, nas suas diferentes modalidades (Alimentos, Agrícola, Elétrica e Civil) vêm mostrando, no decorrer dos anos, grande potencial e apresentando uma efetiva colaboração na resolução de problemas do setor. Inseticidas biológicos, processos e equipamentos para secagem de materiais biológicos, desenvolvimento de equipamentos para laboratórios de conformação plástica fina e uma atuação agora intensa na área de engenharia do petróleo, através de recente convênio firmado com a Petrobrás, são apenas alguns dos trabalhos em destaque. Aí também se desenvolvem outras pesquisas como sistemas de rede de computadores, comunicações digitais por satélite e circuitos integrados.

A produção de fármacos nacionais visando à redução da importação pela Central de Medicamentos (CEME), pesquisas com polímeros visando a reduzir a poluição de veículos, e o desenvolvimento de métodos para determinar a contaminação radioativa em alimentos e compostos químicos em geral, estão em pleno florescimento no Instituto de Química da Universidade. Novas metodologias de ensino são testadas na Educação.

Na área de Humanas, os mais diferentes campos do conhecimento são dissecados. Encontra-se na Unicamp o maior centro latino-americano de lingüística antropológica. Uma nova escola de pensamento econômico também surgiu aqui com a estruturação de um Instituto de Economia que é um dos mais respeitados do país. Em Geociências, pesquisas de metalogênese e geoquímica aplicada estão em curso. Novos materiais estão sendo buscados para substituir a importação de produtos ortodônticos na Faculdade de Odontologia de Piracicaba, e, na área de Artes, a contribuição para o desenvolvimento da cultura erudita e popular vem sendo objeto de contínua preocupação de seus pesquisadores.

Aos 21 anos, uma universidade internacional

A cada cinco anos, a Japan International Corporation Agency (JICA), uma instituição japonesa de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico de países do 3.º Mundo, aprova um grande plano de cooperação para essa área. Ele envolve milhões de dólares e representa passadas largas rumo a novas conquistas. A Unicamp, mostrando sua internacionalidade como unidade de pesquisa e ensino, foi a escolhida para o programa deste qüinqüênio. A assinatura do convênio ocorre neste início de dezembro, após dois anos de entendimentos. Para criar um Centro de Doenças do Aparelho Digestivo, a JICA vai liberar verbas de 3,3 milhões de dólares à Universidade. Um prédio de 1.200m2 será construído para abrigar o Centro.

Fatos como esse, a assinatura de convênios de cooperação científica e tecnológica com entidades e universidades do exterior, são comuns na vida da Universidade, desde sua fundação, 21 anos atrás. Os números são a maior prova da presença científica internacional da Universidade de Campinas. No momento, 64 projetos de cooperação entre a Unicamp e universidades internacionais estão em andamento. Há mais três programas com organismos como ONU, Unesco e OEA.

Esses dados representam o momento atual. A evolução das atividades cooperativas evoluem a cada dia. De acordo com levantamento realizado pela Assessoria de Relações Internacionais (ARI), que centraliza a assinatura dos acordos, há 19 deles em vias de concretização. Ou seja, em pouco tempo o número de convênios deve chegar a 87.

Como são

Dos chamados convênios "guarda-chuva", que estabelecem cooperação geral e a possibilidade de termos aditivos àqueles que estabelecem linhas específicas de cooperação, a variedade é enorme. EUA, Japão, França e Itália são detentores de boa parte dos convênios, o que atesta sua importância. Engenharia de Alimentos e Física são as áreas que têm mantido maior intercâmbio. Na área médica, como o convênio com a JICA, há dezenas de outros pólos de interesse.

O desenvolvimento do projeto "Componentes e sistemas mecânicos de veículos ferroviários e vias permanentes", em vigor desde 80, é um exemplo clássico do que se procura fazer com entidades ou países do exterior. Ele envolve a República Alemã e o Centro de Tecnologia da Unicamp. Há ainda os "casos raros", como um que se assinou em 85 com o Gabão, país africano que enviou 10 estudantes ao Brasil para aprenderem o português na Unicamp antes de partirem para outras atividades de interesse do Gabão.

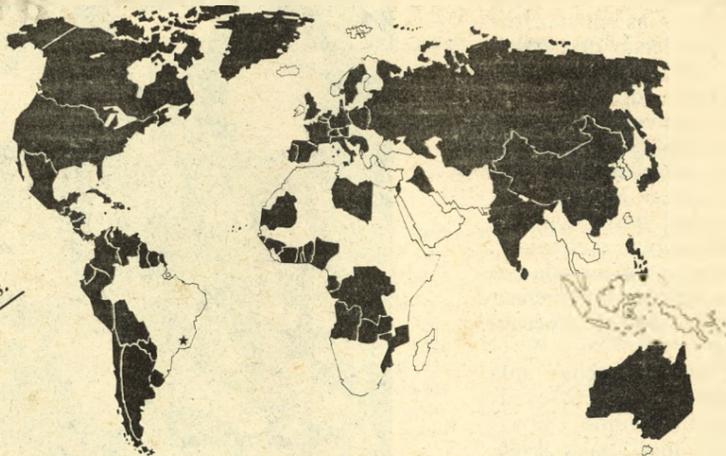
Em muitos casos, a assinatura de um convênio parte do interesse de um setor específico, a partir das atividades de seus docentes. Foi dessa maneira que o Instituto de Física passou a estudar, em profundidade, "a radiação penetrante na região da anomalia magnética do Brasil". Do outro lado está o Instituto Lebedev da Academia de Ciências da URSS. Já há, em trâmite, a assinatura de novas intenções com a Academia Soviética de Ciências, visando outras áreas de interesse da Unicamp no mundo científico, principalmente em tecnologias de ponta.

Nas áreas de exatas e biomédicas concentram-se os principais convênios. Não se limitam, entretanto, apenas a essas áreas. Recentemente esteva no Brasil — e na Unicamp — o Odin Teatret, um grupo de espetáculos da Dinamarca, que só veio graças a um convênio estabelecido em 85, visando cooperação pedagógica e cultural.

Estudantes

Se a Unicamp tem interesse em mandar seus docentes para o exterior, com a finalidade de aprimorar seus conhecimentos, o inverso também acontece. A vinda de estudantes e docentes é regular e rotineira. No momento, dos cerca de 11 mil estudantes da Universidade de Campinas, 423 provêm de outros países: cerca de 235 na graduação e 208 na pós. A maior parte é composta de alunos das três Américas, havendo ainda boa participação da África.

Especialização

Ano a ano aumenta o número de docentes da Unicamp que deixam o País para cursos de pós-graduação em universidades da Europa e dos EUA. Essa preocupação parte da própria universidade, que dessa forma deseja ter professores e pesquisadores com a máxima especialização, capacitando-a ainda mais como centro de educação e pesquisa. De acordo com levantamento da Diretoria Geral de Recursos Humanos, só no mês de novembro 83 docentes — de um total de 2.100 — estiveram afastados da Unicamp, para cursos regulares no exterior.

Áustria	Angola	Portugal	Grã-Bretanha	Iugoslávia	Cabo Verde	Mauritânia	São Tomé e Prince
Holanda	Filipinas	Espanha	China	América Latina	Gabão	Benin	Senegal
Bélgica	Suécia	URSS	Índia	Caribe	Gama	Iraque	Zaire
França	Itália	Japão	Polônia	Canadá	Guiné-Bissau	Líbia	Nova Zelândia
Suíça	Alemanha	USA	Dinamarca	Austrália	Moçambique	Togo	Costa do Marfim

Programas integrados

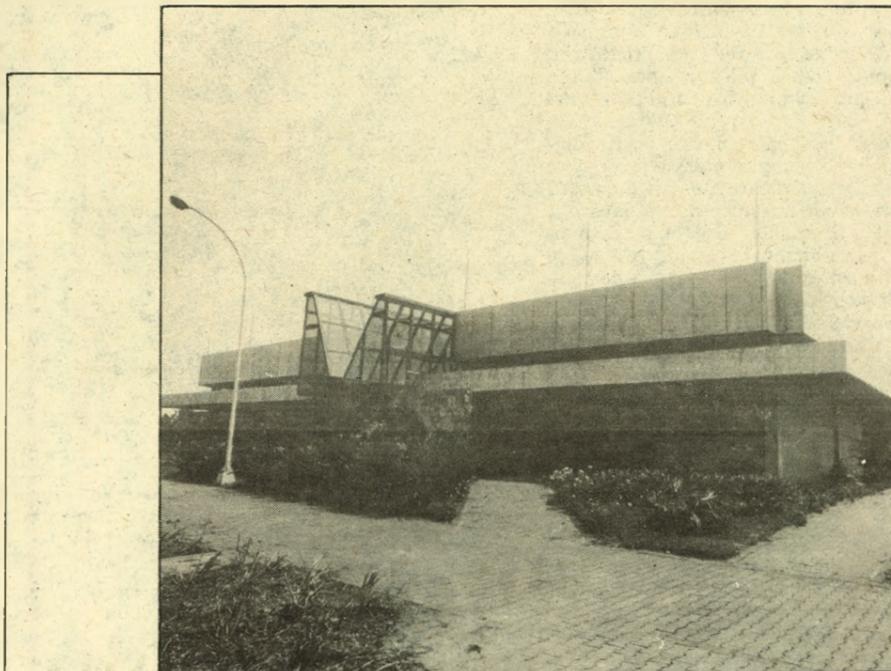
A pesquisa se renova e ganha corpo

Com cerca de duas mil pesquisas em andamento, a Unicamp é responsável, hoje, por cerca de 8% da investigação científica brasileira de caráter universitário. Numerosas outras vão se acrescendo mês a mês, ano a ano. Nesse contexto se inserem cinco programas integrados que, desde meados de 1986, vêm sendo implementados nas áreas de Biotecnologia, Informática, Química Fina, Energia e Novos Materiais.

Destes, o de Biotecnologia é o que se encontra em estágio mais avançado, já com recursos da ordem de 1 milhão de OTN's liberados pelo governo federal. Os demais estão sendo preparados ou submetidos à aprovação das fontes financiadoras.

Para se chegar à etapa madura que significa a formulação de projetos integrados de pesquisas, a Unicamp passou por fases distintas. Uma delas na era Zeferino Vaz, quando se idealizaram linhas globais de pesquisa e grande dotações foram destinadas à Universidade. O Instituto de Física — a maior unidade da Unicamp e seguramente a que desenvolveu maior número de pesquisas tecnológicas — nasceu e cresceu dentro dessa perspectiva.

Com a crise econômica do início dos anos 80 sobrevieram grandes dificuldades para a obtenção de recursos. Cada pesquisador em particular tornou-se um agente de si mesmo, batendo-se arduamente pelo financiamento de seu trabalho. À parte o desgaste que isto representa para o pesquisador — forçado, a um só tempo, a investigar, dar aulas e administrar a própria pesquisa — tal prática não raro significa a pulverização da política de pesquisa, ou, por outra, a inexistência de qualquer política.

Apesar desse trabalho de "colheita" individual continuar, a Pró-reitoria de Pesquisas, a partir das linhas traçadas pelo reitor Paulo Renato Costa Souza, passou a elaborar um plano geral de grandes linhas mestras. E a escolha das cinco áreas prioritárias não se deu de forma aleatória. Trata-se de setores em que o Brasil necessita alargar fronteiras e, conseqüentemente, reduzir sua dependência dos países centrais.

O prédio do CPQBA, trunfo dos programas de Biotecnologia e Química Fina.

"Com os programas integrados — avalia o pró-reitor de pesquisas, prof. Hélio Waldman — muda o estilo de liderança, antes delegada apenas a um professor catedrático. Agora há um conselho técnico, em que se estimula jovens pesquisadores, abrindo mais espaços".

Pode-se pensar, a princípio, que as facilidades de financiamento tenham se alterado. Não é bem assim. O que acontece é que, muito naturalmente, o governo reagiu de forma extremamente favorável à apresentação de linhas aglutinadas em programas homogêneos — o que, por si só, tende a colaborar para a definição de uma política global. Organismos internacionais também se sensibilizaram e devem repassar recursos à Unicamp e a seus projetos integrados.

Os programas

Os programas integrados não significam uma revisão das linhas de pesquisas tradicionais nas áreas abarcadas, já que, em sua maioria, representam esforços de continuidade de pesquisas em andamento. Apenas aumentam as chances de que elas venham a dar certo. Exemplificando: na área de Biotecnologia, o esforço ganhou nova dimensão quando, no final do ano passado, a Unicamp adquiriu das Indústrias Monsanto um grande centro de pesquisas químicas, biológicas e agrícolas. Outro passo coordenado, este na área de Energia, foi a implantação, mediante convênio com a Petrobrás, de um importante Centro de Engenharia do Petróleo.

No caso dos laboratórios adquiridos, foram beneficiadas vastas áreas de pesquisas da Faculdade de Engenharia de Alimentos, do Instituto de Biologia, do Departamento de Engenharia Química (da Faculdade de Engenharia de Campinas), da Faculdade de Ciências Médicas e do Centro de Biologia Molecular. Ao todo, cerca de 200 professores estão envolvidos nos trabalhos, a maioria deles doutores, com algumas preocupações básicas: produtos naturais, alimentos, biologia molecular e ensaios e padrões biológicos.

No programa da Química Fina há a preocupação em se chegar a novos produtos, já que as dificuldades de importação vêm aumentando a cada dia. A saída é a substituição por similares brasileiros, o que demandará muita criatividade e o esforço de 40 professores doutores. O envolvimento do CPQBA, da Faculdade de Engenharia de Alimentos, do Instituto de Química e do Departamento de Engenharia Química são fundamentais.

Também o programa integrado de Informática vê-se diante de excelentes perspectivas. Espera-se para breve a liberação de mais de meio milhão de OTN's para a sua implementação, recursos que devem também provir do Governo Federal. A Universidade se responsabilizará por cota semelhante de investimentos na área.

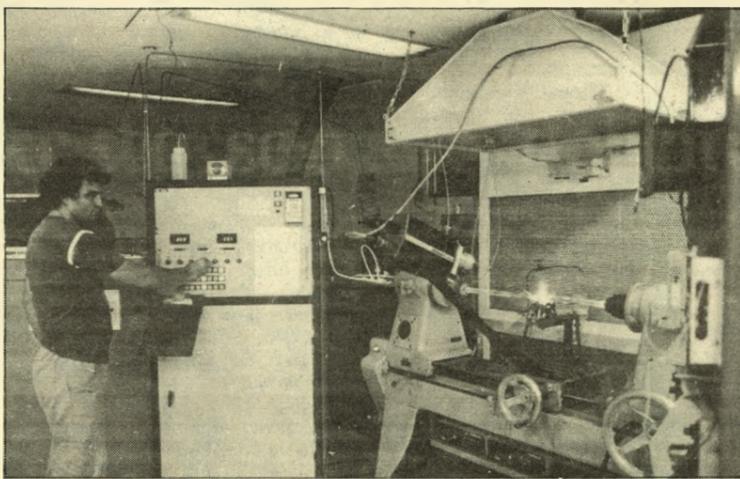
"Quem não investir em Novos Materiais poderá se ver, dentro de alguns anos, em situação de embaraço", esclarece o prof. Waldman. A preocupação com essa área é grande e há forte consciência disso no Ministério de Ciência e Tecnologia. A Unicamp quer ajudar o País a resolver o problema. Fibra ótica, laser de semicondutores, materiais polímeros e purificação de silício são alguns exemplos de trabalhos já desenvolvidos pela Universidade, que pretende, e muito, acentuar sua colaboração no setor. Isso é essencial para o desenvolvimento de áreas afins como informática, energia e transporte, entre outras.

Energia é outra preocupação do momento. Consolidada também nesse setor, onde é responsável por mais de 200 trabalhos já concluídos, a Universidade quer ampliar sua parcela de colaboração. Para isso conta com cerca de 60 docentes e 20 grupos de pesquisas direcionados para fontes convencionais — petróleo, carvão e energia elétrica — e projetando-se para as linhas alternativas, da lenha à fusão nuclear. O que quer dizer que a Unicamp, nos próximos anos, terá muita energia para queimar.

Desde cedo, a inserção no processo produtivo

Pode-se dizer que sete entre dez brasileiros nutrem algum interesse por ciência e tecnologia. Para 72% dos brasileiros, a pesquisa científica é útil e necessária ao país; 27% acham que o governo deveria destinar mais verbas à pesquisa científica e tecnológica; 10% acham que o governo deveria dar melhores condições de trabalho para o desenvolvimento de C&T e espera-se que pelo menos 5% do PNB (Produto Nacional Bruto) sejam destinados ao desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica, por entender que "a ciência faz com que as pessoas vivam melhor".

O interesse e o crédito da população brasileira em relação à C&T, revelado pela pesquisa encomendada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e divulgada no primeiro semestre deste ano, não tem aparentemente resonância no governo. Enquanto os países desenvolvidos destinam até 6% de seu PNB ao setor e contribuem com 50% dos financiamentos das pesquisas desenvolvidas nas indústrias e com 99% nas realizadas em universidades, no Brasil as verbas destinadas ao setor não representam mais que 0,6% do PNB. Além disso, as promessas do governo Sarney de chegar ao índice de 2% até o final de seu governo parecem agora cada vez mais difíceis de ser atingidas.

A falta de planejamento governamental para a área de C&T não chegou, no entanto, a contaminar o projeto de criação da Universidade Estadual de Campinas, que foi desde o começo deliberadamente direcionada para a pesquisa. Essa vocação terminou sendo sua marca registrada. No decorrer de seus 20 anos de existência, a filosofia implementada de contribuir para a autonomia do desenvolvimento científico e tecnológico do país fortaleceu sua imagem como um dos principais centros de excelência brasileiros. Hoje, são mais de 2.000 projetos de pesquisa em andamento e muitos deles em parceria com empresas nacionais e órgãos públicos.

Fabricação da fibra óptica numa indústria de Campinas

Nada disso aconteceu por acaso. O perfil da Unicamp mostra que o desenho da instituição elaborado por seus fundadores foi acertado e veio ao encontro das necessidades reais, agora manifestas pela população. Esse quadro só se tornou possível porque 80% dos 2.000 professores da Universidade trabalham em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, o que possibilitou a realização de pesquisa sistemática. O nível de qualificação do corpo docente, onde mais de 50% dos professores têm título de doutor, também contribui decisivamente para a evolução das pesquisas aqui desenvolvidas. A ênfase no programa de pós-graduação — do qual não se conhece similar na América Latina — completa o espírito crítico e reflexivo da Universidade. Dos 11.000 alunos matriculados em 1987, 43,3% são da pós-graduação, praticamente o dobro da proporção da USP (25%), e cinco vezes a proporção da Unesp (8%).

A inserção das pesquisas da Unicamp no processo produtivo nacional sempre esteve presente nas pessoas que colaboraram para sua gestação. A visão era de que a Ciência é também uma atividade econômica e como tal deve ser tratada. A grande contribuição da Unicamp para o Brasil, de acordo com o físico Rogério Cézar de Cerqueira Leite, foi acabar com "o ranço romântico da ciência pela ciência e passar a vê-la também como uma atividade profissional com finalidade específica".

A convivência entre Universidade e indústria foi desde o início tomada como coisa natural e necessária. Esta postura, que foi desencadeada no início dos anos 70, criou condições prováveis para o surgimento, em volta da Universidade, do pólo de alta tecnologia, que reúne hoje principalmente empresas de telecomunicações e de informática.

O objetivo da Unicamp ao estabelecer parceria com a indústria nacional visando ao desenvolvimento autóctone de C&T, vem obtendo boa resposta das empresas. O trabalho, que já vinha sendo desenvolvido individualmente pelos pesquisadores, ganhou agora uma estrutura interna na Pró-Reitoria de Pesquisa; prova disso são os encontros regionais universidade-empresa, cuja primeira edição, aliás bem sucedida, realizou-se em setembro último. Para enriquecer essa pauta de discussões, o pró-reitor de Pesquisa, prof. Hélio Waldman, vem mantendo contatos com a Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Industriais (Anpei) e com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), além de conversas dirigidas a alguns parceiros antigos como o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) da Telebrás, e outros novos como Elebra, Cosipa, Sid Informática, IBM, entre outras.

Das pesquisas desenvolvidas na Unicamp, muitas já foram absorvidas pelo processo produtivo. A digitalização da telefonia nacional, hoje usada em todo país, e a fibra óptica industrializada pela ABC X-TAL saíram dos laboratórios da Universidade. O mesmo aconteceu com o bisturi a laser, o maçarico de plasma e o "chip" nacional, cujas fases tecnológicas foram dominadas no Laboratório de Dispositivos Eletrônicos (LED) da Unicamp. As aplicações tecnológicas para as mais diferentes áreas, como a agrícola (inseticidas biológicos, a engenharia de alimentos, processos de secagem de carne de tubarão para substituir o bacalhau e a substituição do trigo pelo adlay na fabricação do pão), a energética (processos industriais para aproveitamento da energia solar e o aproveitamento do hidrogênio como combustível), além de pesquisas de ponta como energia nuclear por fusão, supercondutividade e laboratórios de alta tecnologia como o de quartzo (primeiro do país) são alguns dos exemplos da participação de Universidade no desenvolvimento científico e tecnológico nacional.

Programas assistenciais

Uma universidade que gosta do povo

Não seria exagero afirmar que o Hospital das Clínicas da Unicamp atende a uma clientela de aproximadamente 4 milhões de pessoas espalhadas por 94 cidades de toda a região de Campinas até o Sul de Minas Gerais.

Isto só é possível graças a um sem número de convênios mantidos principalmente com prefeituras municipais, quase sempre mediados pela Secretaria da Saúde do Estado. São mais de 50 Programas Assistenciais. Além disso, há um vasto programa de cursos de reciclagem ministrados por médicos e professores de todos os departamentos da FCM e HC/Unicamp — o chamado Programa de Educação Continuada.

Todos os programas nasceram dentro da Unicamp. Mas como um dos princípios básicos da Universidade é o repasse de serviços à população, a Unicamp se viu na obrigação de também integrar o processo para elevar o padrão de saúde da comunidade. É isso o que há anos vem sendo feito através desses convênios.

O primeiro grande programa foi o de Prevenção do Câncer de Colo de Útero e Mama. É também o programa de maior abrangência, pois seus serviços não se restringem apenas aos centros e postos de saúde de Campinas (44 unidades); sua implantação já foi absorvida também por hospitais e prefeituras de outros Estados brasileiros e até por alguns países da América Latina.

Saúde Mental

O tratamento de doenças e distúrbios mentais — antes exclusivo de hospitais psiquiátricos — já começa a ser realizado também em centros de saúde da periferia da cidade. O primeiro programa nesse sentido partiu do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM/Unicamp.

Há pouco mais de um ano esse departamento instituiu o Programa de Saúde Mental e, para começar a trabalhar, escolheu o Centro de Saúde de Barão Geraldo, distrito de Campinas com 35 mil habitantes. Trata-se de um projeto pioneiro em todo o interior do Estado. Para o prof. Dorgival Caetano, chefe do Departamento de Psicologia, a maior preocupação desse projeto "é realizar um atendimento que saia do modelo tradicional de tratamento psiquiátrico", de forma a desenvolvê-lo de maneira mais ampla. Os resultados, segundo o médico, têm sido surpreendentes. A média de atendimento é de 500 casos por mês, "um número considerável levando-se em conta que o Centro presta assistência médica tanto a crianças como adultos, incluindo aí também as gestantes".

Hospital das Clínicas

Outro importante programa foi recentemente implantado no Hospital Municipal de Paulínia (fundado em 2 de outubro de 1985), município que até há pouco tempo só contava com a assistência de postos de saúde. Quatro dias após a sua criação, a Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp firmava convênio com a Secretaria de Saúde do Estado e com a Prefeitura Municipal de Paulínia.

O objetivo era, segundo o prof. Mário Mantovani, superintendente do HC/Unicamp, desenvolver uma espécie de extensão do Hospital das Clínicas para o atendimento médico à população daquele município. Para isso foi formado um corpo clínico de docentes de todos os departamentos do HC, além de residentes e alunos para trabalhar no hospital daquela cidade. Hoje a média mensal de antedimento desse hospital é de 4.500 pacientes no pronto-socorro, enquanto que o número de internações chega a uma média de 230 por mês.

Atendimento no HC: pacientes de 94 cidades.

Os programas assistenciais que a Unicamp mantém naquele hospital estão voltados principalmente para as áreas de pediatria, clínica médica, clínica cirúrgica, ginecologia e ortopedia. Tudo administrado sob responsabilidade da Unicamp.

Educação Continuada

Os serviços de extensão da Unicamp à comunidade não se limitam apenas ao atendimento médico propriamente dito dos centros e postos de saúde. Paralelo a isso, a Universidade desenvolve ainda o chamado Programa de Educação Continuada, mais precisamente destinado a médicos, atendentes e médicos residentes que atuam tanto em hospitais como em centros e postos. A base desse programa, segundo o prof. Fernando Lopes Gonçalves Júnior, diretor clínico do HC/Unicamp, é desenvolver um esquema de reciclagem, através de cursos, junto aos médicos, com a finalidade de atualizá-los tanto em termos de técnicas de atendimento como de medicamentos novos que surgem no mercado.

"Freqüentemente professores da Faculdade são convidados a ministrar os mais variados cursos em cidades distantes, tanto para prestar esclarecimentos sobre novos métodos de tratamento como para falar sobre Aids, por exemplo, ou ainda a respeito da eficácia ou não de certos medicamentos que há anos estão no mercado e que devem ser trocados por outros mais eficientes.

Quando a criatividade cumpre seu papel social

Uma das mais bem-sucedidas iniciativas da Unicamp no campo cultural foi sem dúvida a criação do Laboratório Habitacional do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri). Esse laboratório desenvolveu um projeto de construção de casas populares em regime de mutirão, cuja metodologia já está sendo repassada a várias prefeituras, não apenas do Estado de São Paulo, mas também de outros. É o caso de Maceió, Estado de Alagoas, onde, num bairro de 150 mil habitantes, o Jacintinho, estão sendo construídas 150 unidades.

O projeto para a construção da primeira unidade foi custeado pela ONU (Organização das Nações Unidas), que se interessou pela "casa da Unicamp" por três razões fundamentais: o baixo custo da obra, a possibilidade de se construí-la em mutirões e a versatilidade do projeto.

E não é só: em dezembro do ano passado o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, terminou por incorporar também o projeto à sua administração, iniciando imediatamente a construção de um núcleo de 370 casas na área do Instituto Adventista, no Bairro de Santo Amaro, e outras 82 unidades no Bairro de Grajaú. Por outro lado, a Prefeitura Municipal de Duartina, interior do Estado, gostou do projeto e iniciou a construção de 180 casas populares.

Espaço cultural

O Nudecri está ainda envolvido em outro importante projeto da Unicamp, voltado não apenas para a comunidade interna mas também à externa. Trata-se do "Espaço Cultural Nudecri". Encontra-se em fase de implantação (deve entrar em funcionamento brevemente), nas antigas dependências do Departamento de Música. Seu objetivo é realizar programas diários nas mais diversas atividades, como projeção de vídeos, filmes, shows, exposições etc. Contatos com o Instituto Goethe, com o Mozarteum e com o Museu da Imagem e do Som já estão sendo feitos para que cedam suas programações à Unicamp. Esse espaço vai abrigar ainda o Centro de Documentação de Música Contemporânea, um acervo raríssimo obtido através de convênio com a França, e único do Brasil.

Aprimorar conhecimentos

Desde 1985 a Unicamp vem desenvolvendo, em ação conjunta com a Secretaria Estadual de Educação, um programa de reciclagem para professores de 1.º e 2.º graus. O objetivo desse programa é aprimorar os conhecimentos de professores da Rede Estadual de Ensino e, por conseqüência, levar até eles alternativas para uma mudança nas concepções de ensino.

A Unicamp entra com aproximadamente setenta professores representando dez das 18 unidades da universidade, para ministrar aulas nas áreas de Exatas, Humanas e Biológicas. Com isso, quem sai ganhando são os alunos da Rede, além dos professores, é claro, que têm a oportunidade de esclarecer dúvidas e discutir com os professores da Unicamp sobre o que é relevante ou não.

A vez das crianças

A Unicamp tem um programa de formação integral inteiramente voltado para a criança e o menor deficiente. O Programa de Formação Integral da Criança é resultado do convênio entre Unicamp, Fundação de Solidariedade do Estado de São Paulo (Fusesp) e Instituto de Reabilitação de Campinas (Ircamp), que prevê assistência a 300 crianças da comunidade. Um de seus principais objetivos é prestar atendimento a menores carentes portadores de deficiência ou atraso no desenvolvimento, através de ações integradas na área da saúde e da educação, propiciando maiores oportunidades de desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo, favorecendo sua integração social.

A casa pouplar desenvolvida pelo Nudecri: êxito comprovado.

Arte, debates, shows: experimente ver tudo

Desde seu início, a Unicamp vem buscando superar o distanciamento natural que há entre ela e a sociedade. De que forma isso vem sendo feito? É claro que não é só de pesquisas que vive uma universidade; ela também é um centro gerador de idéias, de fatos e — por que não? — de lazer.

Não há um dia em que pelo menos dois ou três eventos (congressos, encontros, shows ou espetáculos de danças) são realizados simultaneamente no Ginásio de Esportes ou no Centro de Convenções, ou até mesmo nas praças e nos gramados do campus. É necessário dizer que tais eventos não se restringem apenas a docentes, alunos e pesquisadores; a maioria deles é aberta ao público de fora da Universidade.

Primazia

Por aqui já passaram as mais renomadas estrelas da Música Popular Brasileira. Só para citar alguns nomes: Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, Ney Matogrosso e, mais recentemente, Martinho da Vila. A lista seria extensa demais para ser citada toda. Por trás desses espetáculos está a responsabilidade do Projeto "Aquarelas", que para o próximo ano promete novas emoções com outros astros.

E para demonstrar que aqui não se faz distinção quanto a manifestações culturais, em março deste ano a Unicamp foi a primeira universidade brasileira a constar do roteiro de apresentações da maior manifestação cultural já realizada por uma caravana de artistas populares do Nordeste. O show foi realizado em pleno coração do campus, com poetas, violeiros, repentistas e emboladores, e a célebre Banda de Pífanos de Caruaru. O espetáculo, com duas horas de duração, foi aplaudido por um público de 600 pessoas, não apenas estudantes mas também moradores da Cidade Universitária.

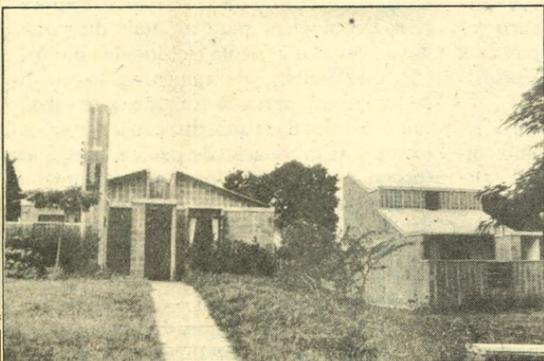
Assim como os poetas e os artistas da MPB, o que não falta no dia-a-dia da Unicamp é a presença de escritores. Os que vieram mais recentemente: os norte-americanos Gore Vidal e Marshall Berman, o angolano Jofre Rocha, os brasileiros Antônio Cândido, J.J. Veiga, Loyola Brandão, Afrânio Coutinho, Gabeira, Márcio Souza. Cada um na sua área, o certo é que todos eles tinham o que falar, coisas que não interessavam apenas a professores, pesquisadores, cientistas e estudantes, mas também a funcionários e gente da coletividade geral.

No campo da música, a maior sensação ficou mesmo com o astro do jazz Chick Corea and Electrik Band, num show ao ar livre no estacionamento do Ginásio de Esportes, que reuniu um público de 15 mil pessoas.

No dia-a-dia

O Serviço de Atendimento ao Estudante (SAE), criado em 1976, desenvolve uma extensa gama de serviços aos 12 mil alunos da Unicamp. Todavia, não é somente essa a sua tarefa dentro do campus de Barão Geraldo. Coordenado por João Luís Horta Neto, professor da Faculdade de Engenharia Elétrica, o SAE tem uma série de programas, principalmente na área de lazer, inteiramente voltados para o estudante.

"Básico 12:30", realizado às quintas-feiras, no Ciclo Básico, é um deles. Trata-se de um programa constituído de shows musicais, teatro, espetáculos de dança, corais etc. Segundo Horta, esse programa "tem a finalidade de criar um horário de lazer dentro do campus. E não é apenas o estudante daqui que o vê, mas também gente de fora".

Por outro lado, o SAE ainda mantém o "Videoarte", um programa de vídeo apresentado às terças-feiras ao meio-dia, na sala 12 do mesmo edifício. Pelo menos uma vez por mês é apresentado um programa de quatro vídeos como o "Ciclo Woody Allen", ou sobre um determinado tema, como a sexualidade, por exemplo.

São Freqüentes as apresentações de estrelas da MPB no campus de Campinas.

Entrevista

Atenção, Zeferino vai falar

Se Zeferino Vaz estivesse vivo, sem dúvida que ele seria entrevistado para esta edição. Homem de ação transbordante e escassa obra escrita, a maior parte do que disse perdeu-se nas salas de conferência ou está confinado aos arquivos de jornais. No entanto, seu pensamento fez escola e não são poucos os que ainda hoje, quase sete anos após sua morte, repetem suas idéias com admiração. Mas há também os que as contestam. A entrevista que se segue foi montada a partir de declarações a jornais, artigos assinados ou depoimentos do ex-reitor e fundador da Unicamp.

Jornal da Unicamp — Educadores como Fernando Azevedo e Anísio Teixeira passaram à história como construtores de idéias. O sr. não teme ter ficado como construtor de edifícios, já que ergueu o campus da Unicamp e instalou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto?

Zeferino Vaz — De modo algum. Instituições científicas, universitárias ou isoladas, constroem-se com cérebros e não com edifícios. Escala de prioridades: a) cérebros; b) cérebros; c) cérebros; d) bibliotecas; e) equipamentos; f) edifícios. Isto é importante acentuar porque neste país acreditamos em fachadas.

J.U. — Se tivesse que escolher, hoje, investiria com maior ênfase na pesquisa pura ou na aplicada?

Zeferino — Não há pesquisa pura ou aplicada. Há boa ou má pesquisa. Eu não sei fazer essa distinção de pesquisa pura e aplicada. Por exemplo, a experiência de César Lattes com o "méson-pi", que teve uma importância decisiva, do ponto de vista acadêmico e da Física Teórica. Quem poderia imaginar que hoje o "méson-pi" é o melhor de todos os elementos no tratamento do câncer, já utilizado na Inglaterra e na Suíça?

"O virtuose jamais obtém sozinho o efeito de uma orquestra de câmera"

J.U. — Fala-se muito hoje em interdisciplinaridade. Há mesmo quem diga que está aí o princípio da universidade do futuro. O sr. concorda com isso?

Zeferino — Perfeitamente. A produção científica original é acelerada e multiplicada pela promoção de encontros e reuniões de cientistas de diferentes especialidades (físicos, químicos, biólogos, economistas, arquitetos, médicos) e de programas multidisciplinares. É o princípio da orquestração. O efeito estético obtido por um virtuose tocando isoladamente jamais alcança o obtido por um quarteto de câmera ou por uma orquestra sinfônica.

J.U. — Qual o melhor critério para julgar a competência de um pesquisador e a qualidade de seu trabalho?

Zeferino — O julgamento do valor comparativo da criatividade científica é pessoal e subjetiva. Há trabalhos e trabalhos. Computadores são máquinas burras, incapazes de distinguir o certo do certo. O cientista deve ser avaliado e prestigiado não apenas pela originalidade de sua produção, mas sobretudo por sua capacidade de formar e estimular discípulos que lhe multiplicam a produção, acelerando o caminho da ciência.

J.U. — Que é ensinar, em sua opinião?

Zeferino — Vamos mudar o verbo para "educar". Então educar é desenvolver no aluno a capacidade de pensar. O cérebro de um estudante não é um cofre que se deve encher, mas sim uma tocha que é preciso acender.

"só não posso admitir que a universidade seja usada para pregação ideológica"

J.U. — Cresceu muito o grau de militância política, não raro partidária, do "homo academicus". Ideologia e ciência se compatibilizam?

Zeferino — Não interessa à instituição o pensamento político-ideológico dos cientistas que abriga, contanto que não usem a sua superioridade hierárquica e cultural para doutrinação de seus jovens discípulos. A experiência demonstrou que quando ideologias políticas entram pela porta das instituições científicas, a ciência sai pela janela. Ideologias políticas perseguem o poder envolvendo, portanto, um forte conteúdo egoístico, emocional e agressivo, incompatível com a ciência, que busca a verdade, exigindo ambiente tranqüilo, sem preconceitos e de severa autocrítica.

Um construtor de escolas, mas também de idéias.

J.U. — Mas como é possível total isenção ideológica se marxismo e liberalismo permeiam hoje — quando não fundamentam — quase todo o aparato teórico nas áreas de Humanidades?

Zeferino — Veja bem. Um curso de Economia ou de Ciência Política que não expõe o marxismo é um curso pífio. Mas as outras doutrinas hão de ser expostas com igual dignidade, para que fique à escolha do aluno a direção e o sentido que há de tomar. Quero deixar claro que respeito a ideologia de todos e tenho profundo respeito para com aqueles que defendem a sua ideologia com pureza e intransigentemente. Só o que eu não posso admitir é que a Universidade seja utilizada para a pregação de ideologia política.

J.U. — Certa vez o sr. vinculou o trote universitário a certas práticas de imposição ideológica. O sr. não teria exagerado?

Zeferino — O processo do trote universitário sempre foi, a nosso ver, cientificamente orientado e utilizado com excelentes resultados através de técnicas de reflexologia para condicionar e impor obediência ideológica. Acontece que certas correntes organizadas se convenceram de que os estudantes universitários constituem matéria-prima muito mais receptível que os operários a sua mensagem ideológica.

Como Zola, ele acreditava que a ação é sempre preferível ao repouso.

J.U. — O sr. não é homem de reivindicar méritos. Mas, se tivesse de fazê-lo, que mérito reivindicaria para si na altura em que a Universidade que o sr. criou está consolidada, institucionalizada e tem hoje imenso prestígio dentro e fora do país?

"é fácil ostentar bondade à custa do dinheiro público e do futuro da ciência"

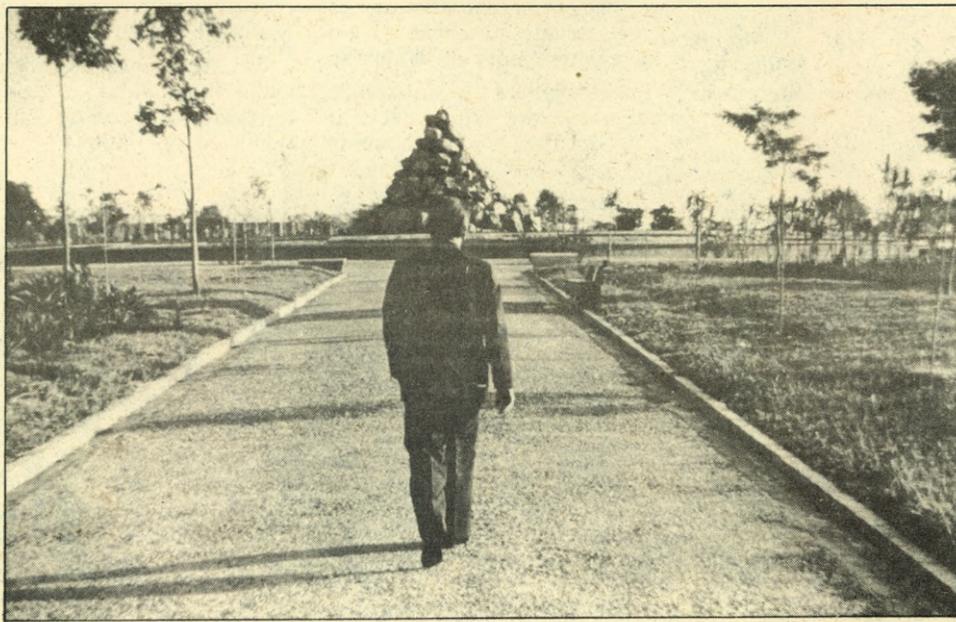
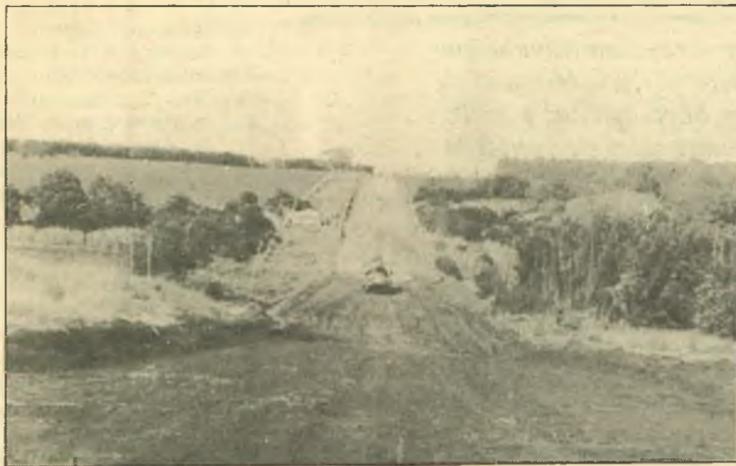
Zeferino — Deixe-me alterar um pouco a questão: se me perguntarem qual foi o fator fundamental do sucesso da Unicamp, a resposta é simples, clara e incisiva: foi a seleção cuidadosa de cérebros entre homens de alta dignidade científica e moral. É a única contribuição que reivindico para mim. Nisto empenhei todo o cuidado, pois bem sabia que, sem homens capacitados, de nada adiantariam planos, estruturas e regulamentos, por melhores que fossem. É que conhecia bem, por longa observação, a patologia de nossas instituições científicas. Assisti ao esplendor, à estagnação e à decadência de várias delas e sabia do grave perigo que se corre quando se transige com a mediocridade. A causa fundamental da decadência foi sempre a mesma: o afrouxamento dos critérios de seleção de valores, a conseqüente admissão de medíocres nos quadros técnicos e o sentimentalismo fácil e piegas que impede a eliminação dos incapazes. É fácil e cômodo ostentar falsa bondade à custa do dinheiro político e do futuro da ciência.

J.U. — Embora idéias nunca lhe tenham faltado, o sr. é em geral considerado um homem de ação contínua, irrefreável, devastadora. Que é a ação para o sr.?

"não sou conformista. O homem só não consegue o que não deseja"

Zeferino — Antes de mais nada, deixe-me citar Émile Zola, que amava as dificuldades e acreditava que a produção, seja qual for, é sempre preferível ao repouso. Pois a ação é um estado de alma, um impulso interior incoercível que, para felicidade minha, foi sublimado e portanto orientado para a ação pura, por influência de homens de ciência empolgados por um ideal social. Quer os nomes? Lauro Travassos, André Dreyffuss, Rodolpho von Ihering, Arthur Neiva e Rocha Lima. Foram estes os grandes homens que me plasmaram a mente e a alma, ensinando-me, ainda adolescente, a metodologia, a técnica e o rigor da investigação científica e também a reconhecer e a distinguir o cientista puro, objetivo e incapaz de atitudes mesquinhas e egoístas. Quem eram estes homens? Veja o que diz deles o meu grande amigo José Reis: "Eram cientistas e pensadores habituados a raciocinar em termos universais, interessados na troca de idéias, convictos de não existirem barreiras entre os campos do conhecimento". Sim, eram bem isso. O que neles me prendia não era só a novidade das idéias, mas a forma em que as expunham — uma forma soberba de vivacidade e clareza, uma agilidade de mental e um entusiasmo que desconhecíamos.

J.U. — Se tivesse que sintetizar sua vida em umas poucas palavras, que palavras escolheria?

Zeferino — Eu diria: Não sou conformista. O homem só não consegue o que não deseja.

Ano a ano, os principais fatos

1966: tratores rasgam a estrada de acesso.

1966: pedra fundamental com a presença de Castello.

1965 — Para estudar a formulação e a implantação da Universidade Estadual de Campinas, o governo do Estado de São Paulo, então chefiado por Laudo Natel, nomeia uma comissão presidida pelo educador Zeferino Vaz (1908-1981) e pelos professores Paulo Gomes Romêo e Antônio Augusto de Almeida. O governo incorpora ao projeto da Unicamp a Faculdade de Ciências Médicas de Campinas, unidade estadual isolada em funcionamento desde 1963, que se torna assim a primeira célula da nova Universidade.

1966 — Lança-se, a 5 de outubro, a pedra fundamental do campus da Unicamp. A nova Universidade começou a plantar-se numa gleba de 30 alqueires, a 12 quilômetros do centro urbano de Campinas, em suave planície localizada à beira de um lago, onde cresciam, na ocasião, vastos canaviais. O governador imediatamente liberou recursos para a construção dos primeiros edifícios. Em setembro, Zeferino promove sucessivas reuniões com o empresariado da região para definir o perfil dos cursos a serem implantados.

1967 — Incorpora-se à Unicamp a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, escola com existência ativa desde 1957. Instala-se o Instituto de Física Gleb Wataghin, onde se concentram hoje 70 laboratórios e 80 unidades experimentais, tendo ali nascido a tecnologia brasileira do laser, dos semicondutores e da fibra óptica, entre outras. Instala-se também o Instituto de Química, tido hoje como centro de excelência em toda a América Latina. Cria-se na Unicamp a primeira Faculdade de Engenharia de Alimentos e Agrícola da América Latina. Criada a Associação dos Servidores da Unicamp.

1968 — Cria-se o Departamento Econômico e Social, que se desdobrou mais tarde no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e hoje forma o Instituto de Economia, uma das principais fontes do pensamento econômico brasileiro contemporâneo. Instala-se o Instituto de Matemática, que no ano seguinte incorpora as especialidades de Estatística e Ciência da Computação.

1969 — Instalado o Instituto de Biologia, que rapidamente se destacaria por suas pesquisas nas áreas da genética, da microbiologia, da zoologia etc. Instalada a Faculdade de Engenharia de Campinas, em duas áreas — Mecânica e Elétrica —, complementadas, em 1985, pela Engenharia Química. Inicia suas atividades a Faculdade de Engenharia Civil de Limeira, uma das duas unidades da Unicamp situadas fora de seu campus.

1970 — Reunindo nomes como César Lattes, André Tosello, Gleb Wataghin, Sérgio Porto, Marcelo Damy, Vital Brazil, José Ellis Ripper, João Manoel Cardoso de Mello, Rogério Cerqueira Leite, Giuseppe Cilento e Benito Juarez, entre outros, a Unicamp firma-se como centro de pesquisa de primeira grandeza.

1974 — Nasce a Faculdade de Educação, que já no ano seguinte passaria a oferecer um programa de pós-graduação.

1976 — Desmembra-se do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas o Departamento de Lingüística, mais tarde convertido em Instituto de Estudos da Linguagem.

1977 — Criada a Associação dos Docentes da Unicamp, cujo primeiro presidente foi o prof. Rubem Alves.

1978: Zeferino (esq.) passa o cargo a Plínio Alves.

1978 — Dá-se por instalada a Unicamp e findo o período de administração "pro tempore" de Zeferino Vaz, que então completa 70 anos e é alcançado pela compulsória. Substitui-o no cargo o prof. Plínio Alves de Moraes, da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, com mandato de quatro anos. Zeferino recolhe-se à presidência da recém-criada Fundação para o Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp). Na transmissão de cargo ao novo reitor, declara: "A Unicamp está solidamente constituída de tal sorte que nenhuma força externa pode destruí-la, nenhuma".

1979 — Em atividade desde 1970, o Departamento de Música converte-se em Instituto de Artes, que hoje reúne também os departamentos de Artes Plásticas, Teatro, Dança e Multimeios. Inicia-se a implantação do Instituto de Geociências.

1981 — Zeferino Vaz falece a 19 de fevereiro. Três dias antes, numa sexta-feira, passara mal em sua sala de trabalho da presidência da Funcamp. No sábado sofreu um enxerto de aorta e nesse mesmo dia foi transferido para o Hospital Sírio-Libanês de São Paulo, onde morreu. Em outubro, a Unicamp mergulha em grave crise institucional, quando são exonerados oito diretores de unidades e demitidos 14 membros da Associação de Servidores.

1982 — Toma posse como terceiro reitor o prof. José Aristodemo Pinotti, da Faculdade de Ciências Médicas, que inicia um trabalho de pacificação interna com a readmissão dos funcionários demitidos e a recondução ao cargo dos diretores exonerados.

1983 — Instala-se a Prefeitura do Campus Universitário. Inicia-se o processo de discussão interna que resultará, mais tarde, na criação dos Estatutos da Universidade. Até essa data a Unicamp vinha funcionando com estatutos emprestados da Universidade de São Paulo.

1984 — Instala-se o Instituto de Economia, como resultado de desmembramento do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Retomam-se obras paralisadas e iniciam-se outras que resultarão, dali a dois anos, na duplicação da área construída do campus.

1985 — Instala-se a Faculdade de Engenharia Agrícola como desmembramento de Faculdade de Engenharia de Alimentos. Instala-se a Faculdade de Educação Física.

1986 — Toma posse como quarto reitor o economista Paulo Renato Costa Souza, que de 1984 a 1986 fora secretário da Educação do Estado de São Paulo. Adquire-se, com apoio do Governo do Estado, importante centro de pesquisas biotecnológicas a quatro quilômetros do campus — o hoje Centro de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas. A Unicamp alcança sua maioridade ao completar o processo de institucionalização e instalar o seu Conselho Universitário, com 62 membros, em substituição ao antigo Conselho Diretor.

1987 — A Unicamp reformula seu sistema de vestibulares com a eliminação dos testes de múltipla escolha e a implantação de provas dissertativas. Na pesquisa, definem-se cinco áreas prioritárias de atuação, com a formulação de grandes programas integrados nas áreas de biotecnologia, informática, química fina, energia e novos materiais. O programa de Biotecnologia recebe recursos de 1 milhão de OTN's.

Em 1981, a grande crise: assembléia no campus.

1986: Paulo Renato assume e dá prioridade ao ensino e à pesquisa

1987: o vestibular sofre profunda modificação de forma e fundo.